



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DA VITÓRIA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

BRUNO JOÃO DOS SANTOS BERNARDINO

**RETRATOS SOCIOLÓGICOS AUTOETNOGRÁFICOS DE UM ESTUDANTE DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: desafios, resistências e ressignificações a luz da
teoria bourdieusiana**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2023

BRUNO JOÃO DOS SANTOS BERNARDINO

**RETRATOS SOCIOLÓGICOS AUTOETNOGRÁFICOS DE UM ESTUDANTE DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: desafios, resistências e ressignificações a luz da
teoria bourdieusiana**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Ernani Nunes
Ribeiro

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

BERNARDINO, Bruno João dos Santos.

Retratos sociológicos autoetnográficos de um estudante ciências biológicas:
desafios, resistências e ressignificações a luz da teoria bourdieusiana / Bruno
João dos Santos BERNARDINO. - Vitória de Santo Antão, 2023.

87

Orientador(a): Ernani Nunes Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Ciências Biológicas - Licenciatura,
2023.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. autoetnografia. 2. educação. 3. Pierre Bourdieu. I. Ribeiro, Ernani Nunes.
(Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

BRUNO JOÃO DOS SANTOS BERNARDINO

**RETRATOS SOCIOLÓGICOS AUTOETNOGRÁFICOS DE UM ESTUDANTE DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: desafios, resistências e ressignificações a luz da
teoria bourdieusiana**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico da Vitória, como requisito para a obtenção do título de Graduado em Ciências Biológicas.

Aprovado em: 26/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Ernani Nunes Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dra. Rosely Tavares de Souza (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. José Carlos da Silva (Examinador Externo)
Universidade de Brasília

Dedico esse trabalho a minha mãe,
pois a minha história não seria nada sem a dela.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer principalmente a minha mãe, que sem ela eu não sei onde eu estaria nesse momento, eu sei que a senhora não vai conseguir ler esse texto ou esse trabalho, pois a educação foi negada a senhora, e apesar de não conseguir demonstrar, eu a amo muito. Obrigado por tudo que a senhora fez e ainda faz por mim e pela minha educação. Se hoje eu estudo é por sua causa, se hoje eu entendo o papel da educação na vida das pessoas é por causa da senhora, que apesar de não ter estudado, é e sempre será meu maior referencial teórico para defender o direito ao acesso à educação.

Quero agradecer a minha professora de Biologia do Ensino Médio, Elis Carla, pois ver a sua o seu encanto pela biologia foi o que me motivou a fazer uma graduação, estudar e trabalhar com o que eu gosto, e espero ser um dia um profissional que tenha o mesmo impacto na vida de alguém como a senhora teve na minha.

Quero agradecer especialmente ao Professor Doutor Ernani Nunes Ribeiro, pois foi ele que me apresentou a Educação, e foi ele que me deu as oportunidades que eu precisei para chegar até aqui. Quero agradecer-lo por ter me colocado no seu grupo de pesquisa, por me incentivar na carreira acadêmica, por me mostrar os caminhos que eu devo seguir, por ter topado ser meu orientador de TCC, por querer me orientar nas próximas etapas da minha vida acadêmica, sem o senhor eu não teria conseguido chegar nos espaços que cheguei e ter a leitura que eu tenho sobre mundo.

Quero agradecer à Professora Doutora Flaviana Jorge de Lima, que me apresentou o mundo da paleontologia que é a minha grande paixão dentro da Biologia, e me deu a oportunidade de ser monitor dela durante 3 períodos da faculdade. Quero agradecer-la por ter confiado em mim e ter confiado no meu trabalho e ter me levado para o meu primeiro congresso.

Quero agradecer a todos e todas que tiveram de alguma forma um impacto na minha vida e na minha formação acadêmica. Quero agradecer a todos os professores das disciplinas de Educação do CAV, pois cada um deles acrescentaram algo novo na forma que eu penso Educação.

Quero agradecer também ao Campus Vitória, fruto de políticas de interiorização da UFPE, pois se não existisse eu não teria como cursar o ensino superior. Quero agradecer o centro também pelo auxílio financeiro que recebi, pois me ajudou a bancar a universidade, que apesar de ser pública não é totalmente de graça.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado se trata de um estudo autoetnográfico, a partir da terceira pessoa o autor buscou compreender a partir da teoria bourdieusiana os desafios, resistência e ressignificações de um estudante de ciências biológicas. Como citado, esse trabalho tem como fundamentação teórica a teoria social de Pierre Bourdieu, especificamente o seu livro “Escritos de Educação”, onde ele traz argumentações sobre o capital cultural como fator de maior relevância no êxito escolar. Enquanto metodologia, a autoetnografia a partir da história de vida e o trabalho tem uma abordagem qualitativa. O método de coleta foi feito a partir de uma entrevista semiestruturada. Ao fim da gravação foi feita uma transcrição do material (apêndice B). Como resultado obtivemos um auto retrato sociológico do autor, onde ele conta toda a sua trajetória de vida, sua e de sua mãe. Ao lermos a sua história, conseguimos perceber que ele é alguém que venceu algumas estatísticas, e que seguia sentido contra corrente. Esse despertar dele pela educação só aconteceu a partir das influências de sua professora, que coloca nele a vontade de fazer uma graduação. A partir de sua história de vida foram feitos alguns apontamentos e reflexões sobre como ele é uma exceção em todo esse processo. Ao fim, concluímos que Bruno é alguém que a educação com certeza foi um fator transformador em sua vida, mas que a educação se fez presente na forma de professores, que o inspirou e o guia até os momentos atuais de sua vida.

Palavras-chave: autoetnografia; educação; Pierre Bourdieu.

ABSTRACT

The work presented here is an autoethnographic study, from the third person the author sought to understand, from Bourdieusian theory, the challenges, resistance and resignifications of a student of biological sciences. As mentioned, this work has as its theoretical foundation the social theory of Pierre Bourdieu, specifically his book "Writings of Education", where he brings arguments about cultural capital as the most relevant factor in academic success. As a methodology, autoethnography based on the history of life and work has a qualitative approach. The collection method was based on a semi-structured interview. At the end of the recording, a transcription of the material was made (appendix B). As a result we obtained a sociological self-portrait of the author, where he tells his entire life trajectory, his and his mother's. When we read his story, we can see that he is someone who beat some statistics, and who went against the grain. His awakening to education only happened through the influence of his teacher, who made it his mission to complete a degree. From his life story, some notes and reflections were made about how he is an exception in this entire process. In the end, we conclude that Bruno is someone whose education was certainly a transformative factor in his life, but that education was present in the form of teachers, who inspired and guided him until the current moments of his life.

Keywords: Autoethnography; Education; Pierre Bourdieu.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
3 OBJETIVOS	18
3.1 Objetivo Geral	18
3.2 Objetivos Específicos	18
4 METODOLOGIA	19
5 RESULTADOS	24
6 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	51
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO	55

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa parte do reconhecimento do ser coletivo que atravessa o autor, o ser que apesar de singular, nunca individual, que apesar dos planos circunstanciais, desde a infância foi entusiasmado pelo aspecto social de ser humano. Nós somos um reflexo dos nossos ancestrais, da nossa família, e dela somos herdeiros de disposições sociais que podem apontar trajetórias para experiências mais ou menos empoderativas. Não herdamos apenas os genes, numa perspectiva biológica de nossos pais, mas também disposições que se configuram vivências sociais, como os valores, crenças, costume, modo de ver e agir no mundo, o que Pierre Bourdieu vai chamar de *habitus*¹, conceito esse que vai servir de base para entender a teoria social que ele vai desenvolver durante sua carreira enquanto sociólogo.

No caso do sujeito pesquisado/r, a sua família sempre foi uma questão complexa, com camada, pois ela acaba não se fazendo presente a nível de parentes, como os avós, tios, primos, irmãos. A sua família por muito tempo foi composta apenas por ele, sua mãe e uma figura masculina no papel de padrasto. Apesar de sua família sempre ser composta por apenas 3 pessoas, ele nunca deixou de ser atravessado pelas crenças e valores da sociedade que circundava. Entretanto, apesar de ter sua família, eles nunca estavam juntos, já que sua mãe sempre teve que trabalhar fora de casa para garantir o alimento de ambos, por isso, ele sempre participou de outras famílias, mas com o status de observador não participante.

Tanto ele, como sua mãe, não são herdeiros do capital que pode ser traduzido em dinheiro², o capital econômico³, que se faz necessário para conseguir mudar a realidade social em que viviam e que ainda vivem. Logo, se não herdeiros, os capitais totais⁴ tiveram que ser construídos e adquiridos com o tempo. Entretanto,

¹ Forma pela qual a sociedade se faz presente em nós de forma estruturante e durável, influenciando nossas formas de sentir, pensar e agir.

² “A mercadoria que funciona como medida de valor e, desse modo, também como meio de circulação, seja em seu próprio corpo ou por meio de um representante, é dinheiro. (MARX, 2011, p. 271)

³ “fatores de produção, renda, patrimônio e bens materiais” (RIBEIRO, 2018, p.53)

⁴ Capitais totais pode ser entendido como a junção do conjunto de capitais necessários para ser bem sucedido dentro de um determinado campo.

como o empobrecido consegue transformar sua realidade social? O pesquisado não sabia como fazer isso, mas sua mãe que apesar de não ter escolarização, sempre conseguiu perceber, a partir da experiência de vida, que a escola era o único caminho para que isso acontecesse de forma concreta.

Tendo isso em conta, o trabalho que aqui será apresentado se trata de um estudo autoetnográfico, que a partir da história oral/vida, o autor irá narrar a sua toda sua vida, para que possamos compreender os desafios, resistências e ressignificações que se fizeram presentes durante toda sua trajetória até a sua chegada no curso da Licenciatura em Ciência Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmico de Vitória (CAV), e como essa aquisição de capitais através das instituições de ensino são capazes de transformar vidas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O teórico que guiará na construção desse trabalho é o sociólogo francês Pierre Félix Bourdieu (1930-2002). Bourdieu se destaca enquanto teórico devido ao fato de conseguir o *status* de pensador original com sua teoria social, em que ele desvenda o funcionamento da grande máquina que é a sociedade. Durante toda sua carreira, ele publicou uma vasta obra, sendo algumas delas destaques, como “A Miséria do Mundo” (1993), “A Reprodução” (1970), “Escritos de Educação” (1999) e “A Distinção: crítica social do julgamento” (1979), ele também possui outras obras em que ele explica como funciona os diversos campos sociais, como a escola e a universidade.

Bourdieu foi escolhido não apenas por ser um pensador original, mas também devido ao seu interesse pela escola e educação. Em sua teoria a escola tem uma grande importância, pois para Bourdieu, ao mesmo tempo que é uma instituição que funciona como um mecanismo de manutenção das classes dominantes, dando a ela um caráter reproducionista, ela também é a instituição que consegue, a partir da educação, promover a ruptura dos poderes sociais, mesmo que de forma não proposital.

Para podermos entender minimamente Bourdieu, precisamos ter pelo menos a noção de alguns conceitos básicos de sua teoria, como por exemplo os conceitos de campo, capital e *habitus*.

Conceito de campo:

Nas sociedades altamente diferenciadas”, escreveu ele, “o cosmo social é constituído pelo conjunto desses microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irreduzíveis àquelas que regem os outros campos. Por exemplo, o campo artístico, campo religioso ou o campo econômico obedecem a lógicas diferentes: o campo econômico emergiu, historicamente, enquanto universo no qual, como se diz, ‘amigos, amigos, negócios à parte’, business is business, e do qual as relações — envolvidas em encantamento — de parentesco, amizade e amor, como princípio, excluídas. Pelo contrário, o campo artístico constituiu-se na e pela recusa, ou inversão, da lei do lucro material. (BOURDIEU apud CATANI, 2005, p. 64)⁵

⁵ Bourdieu é um autor que possui uma vasta bibliografia, e seus vastos conceitos estão espalhados dentro dela, para tornar o trabalho mais eficiente, usamos de Catani, autor que é estudioso de Bourdieu e construiu um livro com vários dos conceitos do sociólogo, livro esse que tem uma característica muito similar a um glossário, sendo um glossário bourdieusiano.

Ou seja, podemos entender o campo como sendo uma pequena parte de um todo. Bourdieu trás exemplificado a macro sociedade sendo considerada como um “cosmos social”, mas devido a este trabalho ser fruto de um estudante de ciências biológicas, podemos fazer a associação com o nosso próprio corpo humano. Nesse caso, o “cosmo social” seria representado pelo corpo humano, enquanto os campos podem ser representados como as partes menores que constituem o corpo, os órgãos. Cada órgão, ou campo, vai ter suas regras de funcionamento diferente entre si, onde os interesses e lógicas dentro de cada campo vão ter suas identidades individuais, e que vão fazer uso de recursos específicos, como por exemplo, o pulmão, que tem como recurso de interesse o oxigênio, enquanto o recurso de interesse do intestino é os nutrientes do bolo alimentar. Com isso podemos chegar no conceito de capital:

Um “capital” é um “recurso”, segundo o modelo do “patrimônio”, isto é, um estoque de elementos (ou “componentes”) que podem ser possuídos por um indivíduo, um casal, um estabelecimento, uma “comunidade”, um país, etc. Um capital é também uma forma de “segurança”, especialmente do ponto de vista do futuro; tem a característica de poder, em determinados casos, ser investido e acumulado de modo mais ou menos ilimitado. (BOURDIEU apud CATANI, 2005, p. 101)

Apesar deste capital ser essencial para o campo, ele sozinho não torna alguém pertencente aos campos, ou legitimado dentro desse campo específico, há também a necessidade de se entender quais são os valores, crenças, formas de agir entre outros. Daí chegamos no conceito de *habitus*:

o *habitus* é uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade de senso comum entre indivíduo e sociedade a captar “a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade”, ou seja, o modo como a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações do seu meio social existente. (BORDIEU apud CATANI, 2005, p. 214)

Outros conceitos bourdieusianos que serão relevantes para esse trabalho são os conceitos de: Capital Social, Capital Cultural, Capital Econômico, Distinção, Violência Simbólica, Poder Simbólico, Arbitrário Cultural.

- **Capital Social:** “[...] é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem observadas pelo observador. Pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis.” (BOURDIEU, 2015,p. 75);
- **Capital Cultural:** o estado “incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis no organismo”, o estado objetivado (em bens culturais) e o estado institucionalizado (em diplomas e títulos). (BOURDIEU, 2015,p. 82)
- **Distinção:** Pode ser entendida como a ação de distinguir, ou outro ou a si mesmo. “As diferenças de estilos de vida e os desacordos de gosto são, deste modo, objetivamente julgamento de classe; eles participam de uma “luta simbólica” pela qual, cotidianamente, os agentes e os grupos sociais, ao classificarem bens de consumo, não cessam de se classificar uns em relação aos outros.” (BORDIEU apud CATANI, 2005, p.149)
- **Violência Simbólica:** “chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2021, p.12)

Nesse texto iremos trabalhar conceitos e reflexões da educação, e como se alcança o êxito social e escolar, iremos usar com maior intensidade os conceitos de *habitus*, campo e capital, principalmente o capital cultural.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Compreender a partir da teoria bourdieusiana os desafios, resistência e ressignificações de um estudante de ciências biológicas.

3.2 Objetivos Específicos

- Apresentar as narrativas da história de vida de um estudante empobrecido em que se demonstre os aspectos de rupturas nos processos de empoderamento social.
- Identificar o papel da educação nos processos de rupturas dos poderes sociais e na transformação social a partir da história de vida de um estudante de ciências biológicas.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa possui uma natureza qualitativa, pois, segundo Minayo (2007), esse tipo de pesquisa vai trabalhar com o universo dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Fenômenos esses que são parte integral da realidade social humana e que irão influenciar as formas de agir, pensar e interpretar a realidade vivida, tanto em um contexto individual como coletivo (MINAYO, 2007).

A metodologia escolhida para se fazer uso foi a autoetnografia, que do grego significa: autós = mesmo + ethnos = pessoas + grafia = escreve. Ou seja, é o ato de escrever sobre si. De acordo com Poulos (2021):

A autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita acadêmica que se baseia e analisa ou interpreta a experiência vivida do autor e conecta as percepções do pesquisador à autoidentidade, regras e recursos culturais, práticas de comunicação, tradições, premissas, símbolos, regras, significados compartilhados, emoções, valores e questões sociais, culturais e políticas mais amplas. (POULOS, 2021, p.04)

Comumente, a autoetnografia usa da escrita como método de coleta das informações que serão refletidas, problematizadas e ou analisadas. Entretanto a autoetnografia possui a característica de também ter a liberdade de trabalhar usando diferentes métodos de coleta, inclusive ao mesmo tempo, como diz Poulos (2021):

Os autoetnógrafos geralmente contam com vários métodos de coleta de dados e ferramentas de pesquisa comuns a outras formas de pesquisa social qualitativa, incluindo observação participante, entrevistas, engajamento conversacional, grupos focais, análise narrativa, análise de artefatos, pesquisa de arquivo, registro no diário, notas de campo, análise temática, descrição, contexto, interpretação e storytelling. (POULOS, 2021, p.05)

Com essa faceta da autoetnografia em mente, escolhemos a história oral de vida como método de trabalho. O método vai ser essencial para conseguir atingir os objetivos dessa pesquisa, pois ele é de natureza qualitativa e que já fornece o método de coleta. De acordo com Alberti (2005):

De modo geral, qualquer tema, desde que seja contemporâneo - isto é, desde que ainda vivam aqueles que têm algo a dizer sobre ele -, é passível de ser investigado através da história oral. Contudo, como qualquer método, a história oral tem uma natureza específica que condiciona as perguntas que o pesquisador pode fazer. Em se tratando de uma forma de recuperação do passado conforme concebido pelos que o viveram, é

fundamental que tal abordagem seja efetivamente relevante para a investigação que se pretende realizar. (ALBERTI, 2005, p. 30)

4.1 Coleta de dados

Como mencionado por Alberti (2005) em “Manual da História oral”, a história oral usa da entrevista como forma de coleta de dados. As entrevistas de história oral podem ser divididas em dois tipos, temáticas ou história de vida. A entrevista temática, como o próprio nome sugere, busca entender a participação do entrevistado em um determinado evento de interesse. Por outro lado, a entrevista do tipo história de vida:

tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento de fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjecturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou (ALBERTI, 2005, p.38)

Ainda sobre a entrevista como método escolhido, a “entrevista tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo” (MINAYO, 2007).

Minayo (2007) vai trazer o instrumento entrevista dividida em cinco subdivisões, que levam em consideração sua forma de organização, sendo elas: sondagem de opinião; semi-estruturada; aberta, ou, em profundidade; focalizada e projetiva. A pesquisa que será utilizada neste trabalho é do tipo semi-estruturada, que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada (MINAYO, 2007). Esse tipo de entrevista foi escolhida devido sua flexibilidade, que ao mesmo tempo que dá ao entrevistado a liberdade de falar, também dá ao pesquisador um roteiro, dando a ele segurança em relação aos objetivos que aquela entrevista deve cumprir para que a coleta seja satisfatória para o desenvolvimento da pesquisa.

Ou seja, como nosso objetivo é ouvir aquele que tem o que dizer sobre si e sobre a sua perspectiva de mundo, a história oral se faz necessária, pois é um método que nos possibilitar conhecer o passado, o presente e as expectativas para

o futuro de uma forma eficaz a partir de um roteiro de entrevista bem construído seguindo as especificidades necessárias do método.

4.2 Formação da equipe

Dentro de uma coleta de dados em que se tem a entrevista como método de coleta, Alberti (2005) recomenda que o pesquisador tenha auxílio de estagiários, equipe de som e consultores. Entretanto, devido a natureza dessa pesquisa ser autoetnográfica, o autor será todos os agentes e assumirá as responsabilidades que essa equipe sugerida por Alberti teria.

4.3 Matérias e Roteiro

Nessa pesquisa se fez necessário o uso de dois aparelhos celulares e um gravador com a finalidade da gravação da entrevista. Um dos aparelhos serviu como *backup* para segurança do material gravado e um Notebook com acesso a internet para transcrição da gravação utilizando o site “**presto**”⁶.

O roteiro da entrevista que foi usado durante a gravação da entrevista foi feito a partir do modelo disponibilizado por Ribeiro (2020) em sua tese de doutorado (Anexo A). O roteiro produzido (Apêndice A) contém sete eixos a serem trabalhados, sendo eles: Caracterizando o sujeito da pesquisa, Família e infância, Escolarização, Desafios e Resistências, Universidade, Momentos de Rupturas e Considerações finais do sujeito.

4.4 Pós-gravação

A gravação dessa autoentrevista aconteceu no dia 11 de agosto de 2023, e teve a duração de 2 horas e 28 minutos. E o primeiro passo tomado com a finalização da gravação foi a transcrição deste material, que aconteceu de duas maneiras, a primeira utilizando da plataforma “presto”, a plataforma faz de forma automática a transcrição do material, sendo apenas necessário se atentar na

⁶ Ferramenta online de transcrição de áudios. Disponível em: <https://www.presto.live/Home/Index>

organização do material transcrito para que as pontuações, pausa ,e que as demais informações estejam de acordo com a gravação. Entretanto com a não satisfação da transcrição do material feito pela plataforma, grande parte do material foi transcrito manualmente pelo autor.

Esse processo de transcrição durou aproximadamente quatro semanas, sendo as três primeiras perdidas com tentativa de solução de problemas com a plataforma de transcrição. A quarta e última semana foi o tempo levado pelo autor para fazer as correções e grande parte da transcrição manual que se fez necessária.

4.5 Análise dos Dados

Com a conclusão da transcrição do material e sua devida organização, se dará início às atividades de análise dos dados coletados. Buscaremos a partir da análise compreender como a nossa pesquisa norteadora se faz presente nessa história de vida. Para conseguirmos fazer uma análise conversando com as teorias sociais de Pierre Bourdieu, dividimos nosso instrumento de entrevista em eixos. Apesar de se complementarem, um dos passos para nós será a análise individual de cada eixo, que são eles:

Caracterização do Sujeito: nesse eixo buscamos entender quem é o pesquisado e como o habitus dele é inicialmente construído.

Família e infância: objetivamos entender quais foram os capitais herdados pelo sujeito. A partir de uma leitura reflexiva, buscamos compreender como a identidade desse indivíduo de interesse foi construída dentro do contexto familiar do qual foi participante e como esse contexto pode ou não ter refletido no sujeito do presente.

Escolarização: almejamos compreender qual era o contexto escolar do indivíduo, como ele viveu esse micro recorte social que é a instituição escolar.

Desafios e Resistências: buscamos encontrar, a partir do discurso, a da violência simbólica que o atravessou e os possíveis marcadores sociais que o tornou alvo da “distinção”.

Universidade: a partir desse eixo iremos buscar na história de vida e na vivência universitária do estudante, a importância da universidade pública no processo de transformação social de sujeitos em posição de vulnerabilidade social.

Momentos de Ruptura: procuramos identificar se o sujeito se percebe enquanto minoria social e como estar dentro desse coletivo se mostrou um obstáculo, porém não sutil, mas sim perceptível.

Usando da memória, buscamos ao fim dessa leitura ter a compreensão não só dos eixos de forma individual, mas também, como de forma coletiva os eixos contribuíram para que possamos compreender o retrato sociológico por trás dessa vida, que foi e continuará sendo atravessada pela sociedade, e como essa sociedade se fez presente nesse sujeito a partir das teorias bourdieusiana.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse momento do texto debateremos sobre a história de Bruno Bernardino, que aqui chamaremos apenas de Bruno. Entretanto esse Bruno sou eu, o autor deste trabalho. Apesar do texto se tratar de mim, tomo como estratégia teórica metodológica, me colocar enquanto narrador da história, pois é a maneira que mais me trouxe conforto na hora de produzir esta pesquisa. A partir daqui, iremos conhecer mais sobre a minha história, que é atravessada por alguns desafios, resistências e ressignificações.

Também vale a pena ressaltar que durante a construção da narrativa tendo a usar as partes da minha história que mais está conectada com a minha educação e processo de chegada a graduação. Trago contextualizações da vida fora da escola, como parte da minha história e da minha mãe antes de irmos para a zona urbana de Gravatá, e durante esse processo transição.

5.1 Caracterização do sujeito

Na época da entrevista Bruno tinha 22 anos. Ele vive e viveu sua vida toda na cidade de Gravatá com a sua mãe, que tem 40 anos, e seu cachorro, que tem 9 anos. Bruno nunca trabalhou, a única atividade laboral que fez foi durante a infância, auxiliando a sua mãe em momentos específicos de sua vida quando ela fazia faxinas em privês da mesma cidade. A atividade mais frequente em sua vida foi estar dentro de uma instituição de ensino, e atualmente está cursando licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico de Vitória. Ele entrou no ano de 2019 e já está concluindo o curso, sendo o ano de 2023 o seu último ano dentro da instituição.

Bruno se descreve fisicamente sendo branco, tendo 185cm de altura e 140 quilos, com cabelos cacheados, que usa óculos e que normalmente sempre vai ser visto de bermuda nos lugares. Ele também se descreve como uma pessoa falante, mas que apesar disso se acha tímido e que gosta de ficar em casa, ou com um grupo de amigos conversando.

Ele acha que sua maior qualidade é ser um bom ouvinte e dar bons conselhos. E seus maiores defeitos são ficar pensando muito nas coisas, impulsividade e irritabilidade. Atualmente o que faz ele feliz é estudar o que ele gosta. E no tempo livre dele, ele gosta de fazer nada, que ele define como ficar em casa só assistindo “besteira”.

Enquanto a leitura, apesar de gostar de ler, atualmente ele não tem nenhum ou quase nenhum hábito de leitura, que só está lendo os livros que estão sendo recomendados para ele na sua vida acadêmica.

Bruno também diz que nunca foi ao cinema, não de forma oficial, mas que quando ele fazia parte de um programa para crianças empobrecidas, ele foi a uma sala de cinema que tinha nesse espaço de acolhimento, e lá ele assistiu Garfield 1. Hoje em dia ele não acha que vale muito apenas sair de casa para assistir algo que ele consegue fazer do conforto da sua casa, principalmente levando em consideração que o cinema mais próximo fica a 40 minutos da sua casa em uma outra cidade. Ele também nunca frequentou um teatro, mas acredita que talvez tenha assistido algum tipo de peça na sua cidade. Ele só tem certeza de uma peça que viu, peça em que a amiga dele, Vitória, fazia parte e ele foi lá para assistir a sua apresentação.

Bruno fala que todas, ou quase todas, suas viagens foram feitas através da UFPE. Ele já foi para alguns lugares como Taquaritinga do Norte, Crato, Tamandaré, e menciona que também vai para Pesqueira e Serrambi. Para ele foi uma experiência interessante porque ele teve a oportunidade de ir para lugares mais longes e conhecer pessoas novas, pessoas que não eram do seu grupo seletos de amigos. Ele também foi para a cidade de Serra Talhada, mas foi como monitor de um evento e que ele foi contratado para estar lá.

Bruno é uma pessoa que não tem o costume de assistir televisão, que é algo que ele não faz de forma contínua, desde dos seus 12/13 anos de idade, e que antes disso ele não tinha a possibilidade de assistir, e que por conta disso já virou costume e que basicamente ele não pisa⁷ na sala dele. Como forma de compensação, ele vê filmes e séries pelo computador e acessa a internet com frequência, essa é a forma dele de substituição da televisão.

⁷ Palavra usada na entrevista

5.2 Família e Infância

Bruno mora com a mãe dele, com o cachorro dele e com o namorado da mãe dele. Ele categoriza a relação com a mãe dele:

Acho que é melhor do que a da maioria das pessoas, mas tão conturbada quanto. Porque mainha tem uma personalidade muito única dela, ela é uma pessoa que nunca gosta de tá errada, e eu não gosta está errado, daí junta eu e ela em uma mesma discussão e nunca dá certo. Mas acho que eu e ela, a gente tem uma relação a mais além de mãe e filho, a gente tem uma relação de codependência, principalmente dela e de irmandade. (BERNARDINO, 2023)

Já com o namorado da mãe dele, ele não tem nenhuma relação com ele. Ele fala que ambos não gostam um do outro, mesmo morando na mesma casa. Ele traz que:

Desde muito novo eu sempre fui uma criança viada e hoje em dia isso se reflete. Ele é aquela pessoa tipo, que é homofóbica, mas ela não é homofóbica na sua cara e aí ela fica ali, sondando só, só que daí, mainha, ela tem uma necessidade de estar cercada de pessoas, então ela pulou nesse relacionamento dela com "*****"⁸, que é o nome dele, tipo assim, três semanas que ela conheceu ele e já convida ele para morar com a gente. Ele é uma pessoa muito assim... ele acha que ele é o dono de tudo e de todas as coisas possíveis, ele é o típico macho que acha que é dono das coisas, por exemplo, eu e mainha morava em uma casa, que era uma casa bem simples lá no centro de Gravatá. E aí ele morava assim, num cubículo, assim no quinto dos infernos de Gravatá, porque ele tinha se separado da ex-mulher dele, aí a casa deles ficou para a mulher dele e etc. Ele é alcoólatra também, esse é outra problemática que eu tenho com ele, porque toda vez que ele bebe, todos os problemas dele ou discussão, é voltada para mim, porque eu sou a única pessoa lá em casa que bate de frente com ele, mainha tenta bater de frente, mas mainha fica mais na dela, mas mainha também é uma pessoa que gosta encher o saco dele, e enche meu saco também. Porque é mainha enchendo o saco dele de um lado, aí os dois começam a discutir, e no final a discussão consegue vir para mim. Desde dos meus 12 anos, quando ele foi morar com a gente, eu sempre fiquei no meu quarto ou sempre fiquei na na escola, porque eu estudei em tempo integral, então a gente meio que ficou distante, só que daí ele tem um vício que ele sempre consegue fazer com que a discussão volte para mim. Atualmente ele acredita que se eu e mainha, que a gente saiu da casa que a gente tava morando, para a casa que a gente tá morando, que é melhor do que a caa que a gente tava morando antes, é por conta dele, sendo que mainha e ele dividem o aluguel da casa, as despesas da casa, eles dividem juntos, só que de acordo com ele quem fez a gente sair daquela casa que a gente tava morando foi ele e é tudo por conta dele, então a gente deveria ser grato a ele, sendo que é os dois que pagam as despesas da casa, se brincar mainha ainda paga mais. Assim, eu fico incrédulo, porque eu não posso mais discutir, eu já me estressei o suficiente, e é uma coisa que eu já falei com minha psicóloga, eu

⁸ Nome do namorado da mãe

já não tenho cabeça para defender minha mãe para nada, porque eu já falei com ela, já discuti com ela, varias e varias vezes. Nesses 9 anos que ele está com a gente, se eu troquei com ele mais e 10 palavras foi muito, assim, sem ta em uma discussão, porque em discussão já foi mais de 10 com certeza, e tudo xingando ele e etc, gritando e coisas do tipo... Porque eu sempre tenho que defender ela dele e me defender também, porque ele diz que eu só consegui chegar na ufpe por conta dele, que só faço faculdade por conta dele. Só que antes de eu conseguir o auxílio da universidade, quem pagava minha van era minha mãe, nunca foi ele, e depois do auxílio da universidade quem paga minha van sou eu, ele nunca pagou... ai ele fica dizendo que eu só consegui a faculdade por conta dele, e eu sou uma pessoa que me irrita com muita facilidade, e isso me irrita de uma maneira gigantesca.

Hoje em dia minha relação com ele é de que somos dois seres que habitam o mesmo lugar, mas que a gente não troca nem um bom dia, e isso é de forma proposital. (BERNARDINO, 2023)

Bruno fala que sua mãe sempre se posiciona quando os conflitos acontecem, e que a ideia de se separar do namorado, e ela e Bruno se mudarem é algo frequente e que isso já virou uma certa rotina, em que ele sempre fica perguntando aos amigos se eles conhecem alguma casa para alugar, mas essa ameaça de mudança já é algo que ele não acredita mais, pois esse ciclo de conflitos e ameaças de mudança já se repete a 9 anos e nada nunca mudou.

Sobre o seu pai⁹, Bruno fala a história que lhe foi contada pela sua mãe. A história é que a mãe dele começou a namorar com o seu pai quando ela tinha 16 anos e o pai dele 29. A família dela nunca permitiu esse relacionamento, e por conta disso houve vários conflitos, até o dia que ela soube que estava grávida e a família dela também descobriu, o que ocasionou nela fugir de casa, que era na zona rural de Gravatá. Enquanto fugia de sua família pelo meio dos matos, ela conta que teve que se esconder no banheiro de uma fazenda, e lá ela passou a noite, para então conseguir encontrar o pai de Bruno. Quando ela encontra com ele, eles resolvem morar juntos, e nesse meio tempo se passa aproximadamente 3 meses, ela ainda grávida, é avisada que o pai de Bruno sofreu uma emboscada criada pela família dela, e nessa emboscada o pai dele é espancado pelo pai da mãe dele e mais quatro irmãos dela. Ao chegar no local, a mãe dele encontra o pai dele no chão e ensanguentado, ela consegue um carro para poder levar ele para o hospital mais próximo, que era em Gravatá. Após 20 minutos de entrada no hospital, o pai de Bruno é declarado morto.

Com a morte do pai dele, a sua mãe, ainda grávida, foi morar com a família

⁹ Para a história completa, ler o tópico "Sobre meu Pai", Apêndice B.

do pai dele, que também é da zona rural de Gravatá e lá ela ficou até ele nascer. Enquanto isso não acontecia, ela não estava em casa como a nora grávida do filho mais velho do avô de Bruno, ela tava lá enquanto mão de obra, lá ela tinha que fazer atividades braçais até o dia em que Bruno nasceu. Após o nascimento dele, eles ainda ficaram um certo tempo na casa desse avô, até um dia em questão eles serem expulsos da casa por conta de um relacionamento que a filha mais velha da mulher do avô de Bruno tinha com um primo da mãe dele. Por ela saber desse relacionamento e não ter informado, ela foi expulsa, pois a mulher do avô não queria a filha dela namorando com alguém da família de “assassinos” que era a família da mãe de Bruno, e ela sentenciou o avô a expulsar Bruno e sua mãe da casa, expulsamento esse que aconteceu durante a noite, no meio da zona rural. Sem ter para onde ir, a mãe dele conseguiu chegar em um sítio vizinho e lá ela pediu refúgio.

A mãe dele e ele ficaram nessa casa por algo próximo a três semanas, e depois partiram para a cidade de Gravatá. Já na cidade, eles ficaram em casa de algumas pessoas a favor, nessas casa a mãe dele sempre esteve nessa condição de empregada e trabalhava em troca de abrigo.

Sobre as representações de pai na vida dele, ele comenta que teve algumas, uma em específico é mais duradoura, com cerca de 10 anos de duração, e ele fala o seguinte:

Lá pelos meus dois anos a gente foi morar com ele, e ele era uma pessoa extremamente mesquinha, fazia eu e ela passar fome por livre e espontânea vontade, a gente foi morar com ele porque não tinha mais para onde ir e ele foi a primeira figura paterna que eu tive. Aí eu cresci com ele até os meus 10/11 anos de idade, aí a gente ficou nessa configuração, só que era uma pessoa também que, ele é obrigado a gente ir para igreja, se a gente não fosse para a igreja eu e ela apanhava, ele deixava a gente passando fome - porque mainha não tinha um emprego o fixo, o emprego que mainha tinha nesse meio tempo era a faxina e muitas das faxinas eu fui fazer com ela, quando eu era pequeno essa era umas das minha maiores diversões, fazer faxina com ela lá nos prive de Gravatá.

Daí a gente ficou morando com ele durante uns dez anos, e nesse período ele quebrou, a pia dessa casa, porque tipo era dois cômodos, era um cômodo que sei lá era menor do que a sala que eu estou, e aí esse era o cômodo principal da casa, que seria a sala, cozinha e tudo junto, e do lado tinha uma garagem que era desse tamanho desse cômodo principal, só que daí ele consertava máquina de lavar e fogão, e os nossos armários e etc. era tudo máquina de lavar empilhada a gente morava nessa oficina. E aí a nossa casa em si era essa garagem que era acoplada a é esse cômodo.

A gente ficou morando ali durante muito tempo, ele foi responsável por quebrar meu braço, por deslocar o meu braço, porque ele empurrou da janela que tinha nessa parte dava para o chuveiro. Ai um dia ele brigando comigo quando era criança, eu tinha menos de 10 anos, ele me empurrou da janela e quando ele me empurrou eu caí e desloquei um braço.

Em relação a comida a gente fazia o seguinte, ele comprava e ele dava para mainha dez reais, e come esse dinheiro mainha tinha que ir para feira, de fruta e verdura, e ela comprar aquelas sacolinhas que vem cebola, pepino tomate... e essas era as verduras que mainha tinha que usar. Ele mandava mainha comprar dois reais de charque e um quilo de arroz, e esse charque, esse quilo de arroz, essas verduras tinha que durar a semana todinha porque era o almoço da gente da semana toda.

Para o jantar ele fazia o seguinte, ele ia todo santo dia ele ia no soberano Gravatá. E lá no soberano, o soberano vende uns pratinhos de galinha assada, ele sempre comprava coxa de galinha. E depois o que ele fazia, ele comprava essa coxa de galinha, pão e comprava uma sopa de Yoki, essas sopas desidratadas que era só por água. E aí a gente comia essa sopa era o jantar da gente, era sempre sopa ou cuscuz, e ele ia no supermercado todo santo dia para fazer isso, ele não deixa a gente fazer isso, ele não dava dinheiro, porque ele achava que a gente ia gastar o dinheiro dele e comprar besteira. Aí o que eu e mainha fazia quando ele não estava em casa, porque como ele consertava máquina, ele sempre tinha aqui para Recife para comprar peça, e aí quando ele passava o dia fora, a gente pegava um cofrinho que ele tinha, porque ele obrigava a gente ir para a igreja, aí o cofrinho era em formato de igreja e ele era de madeira, aí o que a gente fazia, a gente pegava um martelo e abria o telhado da igreja e pegava o dinheiro que tinha dentro, o dinheiro de papel, que ele costumavam colocar dinheiro de papel, e íamos ao supermercado comprar coisa para a gente comer.

A gente fazia o seguinte, mainha, ela sempre mandava eu ir no mercado, mas quando eu era criança eu morria de vergonha de ir, aí o que mainha fazia, ela me dava tipo três reais, e esses três que a gente conseguia pegar, para não ficar na cara que a gente pegava dinheiro de lá, mainha mandava eu ir no supermercado comprar dois reais de mortadela e compra o resto de miojo, e aí o que eu fazia né, quando eu chegava no Supermercado a pessoa que tava na balcão da mortadela fazia o seguinte “deu R\$ 2,05, Deu R\$ 2,10 pode ser?”, e eu claro pode ser, aí eu tava se eu comprar 4 miojos vai dar X reais e esses a ser suficiente para pagar os R\$ 2,00 da mortadela, mas quando não dava eu pegava a mortadela, andava dentro do supermercado e deixava mortadela em uma das prateleiras e ia em outros mercados. Nesse novo mercado, mandava pesar de novo, pegar R\$2,00 de mortadela, e eu fazia isso 2 ou 3 até dá R\$ 2,00 certinho, porque mainha sempre me dava o dinheiro contado, aí fazia isso, hoje em dia mainha morre de rir com isso.

E aí outra coisa que eu também fazia era - porque como a gente via muito de miojo, macarrão e toda vez que a gente comprava miojo ou sopa eu misturava com farinha de mandioca, fazia durar duas vezes mais o prato. Toda vez que eu comia Miojo, a gente não podia comer 2 miojos, porque aí já era duas refeições, aí o que eu fazia, pegava o miojo, colocava farinha, antes ou depois, ou primeiro eu comia o macarrão do miojo e colocava farinha no caldo, e comia o caldo com a farinha, ou já colocava tudo junto, a farinha e macarrão do miojo e fazia essa grande massa e comia junto com essa mortadela, eu sempre fazia isso. Ou a gente comia muito macarrão, o macarrão sem molho, sem nada, a gente só colocava o macarrão na água, cozinhava e assava um ovo e esse era o almoço da gente, e por muito tempo era isso que a gente fazia. Só que, teve um momento que mainha tava pegando faxina com uma certa frequência e tinha aberto um restaurante “self service” na frente da casa da gente, aí o que mainha fazia, a gente pegava uns R\$ 10 reais, pegava uma vasilha, porque você podia usar sua vasilha para fazer a marmita, e a gente pegava e vendia o almoço para mim e para ela, e a gente fez isso durante um tempo, isso já perto do final do relacionamento dela com esse primeiro marido “oficial”

Durante um desses momentos de faxina que mainha fazia, teve uma senhora que “deu” um emprego para ela, e com esse emprego e um salário fixo mainha conseguia agora bancar a casa que a gente morava, que era R\$

200 o aluguel, na época era muita coisa, mas ainda assim barato em relação às outras casas, R\$ 200 e mainha recebia vale alimentação e recebia vale transporte, e mainha sempre morou perto do trabalho dela. Com isso mainha se separou desse primeiro cara, a gente ficou com ele esses 10 anos e perto do final dos 10 anos mainha conseguiu esse emprego que deu a independência financeira para ela separar. Mas aí com um intervalo de um ano, mainha teve um namorico com um cara e depois encontrou “*****”, e com 3 semanas no máximo colocou ele para dentro de casa, daí a gente ficou no máximo um ano só eu e ela, e depois entrou nesta segunda figura, mas eu já era uma criança crescida, com meus 11/12 anos, mas não era mais uma figura paterna, era mais uma figura estranha que entrou nessa configuração. (BERNARDINO, 2023)

Em sua história, a primeira e principal figura paterna que o Bruno teve foi extremamente negativa, que era violenta em diferentes níveis, desde da violência simbólica, que é essa ida forçada a igreja, é fazer as compras diariamente para que eles não comprasse nada além do que ele julgava necessário, e a violência também era física, pois essa mesma figura paterna foi responsável por deslocar o seu braço e agredir a sua mãe.

A igreja que ele menciona ter sido obrigado a fazer parte foi a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ele fala que nunca quis participar, nem a sua mãe, mas como eram obrigados a ir, e como ele era pequeno, não tinha muito o que fazer, lá ele seguiu todas as regras que eram impostas. Entretanto a sua relação com Deus não é algo que ele buscou, logo ele sempre fez o mínimo de esforço possível e hoje se entende enquanto totalmente ou extremamente ateu.

Sobre contato, ao relatar sobre sua história, ele menciona que nem ele, nem a mãe dele, mantém algum tipo de vínculo com as famílias, seja visitas ou contato por telefone ou algo similar. Por parte de mãe, eles foram abandonados pela família. Por parte de pai, apesar de também terem sido abandonados, a família de seu avô ainda entram em contato, mas não para se comunicar com eles para saber como estão, mas para pedir algum tipo de ajuda devido ao trabalho da mãe dele, que permitiu a ela conhecer vários advogados. Com as famílias agregadas ao primeiro padrasto, apenas a sua mãe mantém algum tipo de contato.

Processo de escolarização da mãe e figuras masculinas

A mãe dele não teve uma infância fácil, teve que trabalhar desde de cedo na lavoura, só veio ter algum contato com a educação na infância por um curto período de tempo, mas logo em seguida foi retirada da escola e colocada para trabalhar

novamente. Ela só veio ter acesso a escola de forma mais duradoura através da Educação de Jovens e Adultos(EJA), mas devido as circunstâncias da vida, só cursou até a quarta série, onde ela aprendeu o básico para escrever o seu nome e minimamente ler alguma coisa, mas nada muito além disso. Na EJA ela tentou duas vezes, na primeira, como mencionado, foi até a quarta série. Na segunda tentativa ela permaneceu na mesma série, pois, como teve um grande intervalo entre as tentativas, ela já não se lembrava do necessário para poder aprender o que se estava sendo ensinado, e com a frustração de não conseguir aprender e quase tripla jornada de trabalho, ela desistiu de estudar, mas ainda permanece com ela o sonho de um dia saber ler e escrever.

Já as figuras masculinas/paternas ele tem pouco conhecimento sobre a escolarização, ele sabe que o seu primeiro padrasto tem algum nível de instrução, mas não sabe a que nível, apenas que ele sabe ler e escrever. Enquanto o namorado de sua mãe, ele sabe que ele não terminou os anos iniciais do ensino fundamental.

5.3 Escolarização

O processo de escolarização de Bruno é misto, vai acontecer em algumas escolas, totalizando em cinco escolas diferentes. A primeira escola foi uma tentativa da mãe em colocá-lo em uma escola particular, escola essa que ela não tinha condições financeiras de sustentar. A segunda escola, pública, foi onde ele de fato começou o processo, lá ele entra aos cinco anos de idade e cursou até o início da terceira série, mas por ter brigado com a professora, a mãe o retirou dessa escola e o colocou em uma terceira escola, dessa vez uma escola particular de bairro, que custava cinquenta reais a mensalidade. Nessa escola ele entrou na terceira série, e concluiu a quarta série, a partir da quinta série ele foi para uma escola pública, onde ele concluiu o seu ensino fundamental. A quinta e última escola, foi onde ele concluiu o seu ensino médio.

Durante todo esse processo de escolarização ele foi uma criança muito comunicativa, e frequentemente levava reclamação por conversar muito. Nos anos fundamentais ele relata que tinha boas notas, até entrar na quinta série, onde as notas foram gradualmente diminuindo, mas não ao ponto dele reprovar de ano em

algum momento. Ao chegar próximo do final do ensino fundamental, a mãe dele reclama com ele para que ele melhore as notas para poder ir para o ensino médio, e isso ele fez.

Ao chegar no ensino médio, ele foi equilibrando suas notas e conseguiu entrar no curso de idiomas Programa Ganhe o Mundo (PGM), onde ele aprendeu a primeira língua estrangeira, o Inglês. No PGM ele teve a oportunidade de fazer a prova de intercâmbio, mas devido às suas notas de Português e Matemática acabou não passando.

Ainda no ensino médio ele fala um pouco sobre foi como ele se sentiu durante o processo de vestibular:

Eu senti uma leve pressão, principalmente no primeiro... na verdade quando eu entrei no ensino médio, eu entrei sem saber nada em relação a vestibular, eu escutava muito os meus colegas falando sobre fazer a primeira, segunda, terceira... parte do SSA¹⁰. No segundo ano era eles falando sobre fazer uma versão de teste no ENEM, aí eu ficava “versão de teste do ENEM? eu não, vou perder meu tempo fazendo versão de teste, estudar para caralho para não poder terminar o ensino médio, porque eu tinha visto que desde de 2015 não podia mais terminar o ensino médio fazendo o ENEM. Aí eu continuei sem pensar muito no vestibular. No terceiro ano eu pensei em estudar para o ENEM, não sei se foi muito bom da minha parte, mas eu fui ver qual era a nota de corte do curso de biologia, e vi que não era 900, não era 800, então eu me dediquei apenas para passar no curso de biologia, porque eu já sabia que queria fazer biologia. Logo, não me dediquei muito no meu último ano do ensino médio para passar com a maior nota possível, durante minha vida todinha do ensino médio eu sempre estudei só para passar, e foi o que eu fiz. Eu sempre tive dificuldade de estudar as coisas que eu não gosto, então eu só me dediquei para estudar para a prova de biologia, já matemática e humanidades foi tudo na base do ódio e de vídeo aula.

Sobre pre-vestibular, eu fui um dia para o SUPERAÇÃO, mas não tinha como eu ir mais, e fui para um madrugadão de um cursinho prevestibular que eles passaram lá na escola e o ingresso era 20 reais, mas não serviu de porra nenhuma, só foi mais um rolê de ensino médio do que qualquer outra coisa.

Material de estudo era tudo vídeo aula no youtube e o conteúdo da escola. E minha rotina de estudo era as aulas da escola, e depois dedicava uma hora, ou duas no máximo estudando. (BERNARDINO, 2023)

Ao passar no vestibular ele diz que para ele foi uma grande conquista, mas que foi principalmente para a mãe dele, que trabalhou para que ele tivesse o acesso à educação de forma plena.

Sobre a escolha do curso Bruno fala que começou a desenvolver a vontade de ser professor quando teve aula com uma professora chamada Elis, ela foi

¹⁰ Vestibular da UPE

professora dele no segundo e terceiro ano do ensino médio. Ele fala que sempre que ela dava aula e preenchia o quadro com várias informações sobre biologia, vários desenhos de animais e coisas similares, ela sempre olha para a sala e fala “vejam que coisa mais linda”, e foi esse encanto que a professora tinha ou pelo menos demonstrava pela profissão dela, pela área de interesse dela que encantou ele. Foi a partir dali que ele percebeu que queria ser professor e tá na educação, porque para ele foi por causa da educação que que fez com que ele chegasse onde ele chegou, foi a partir dos esforços da mãe dele, e partir do entendimento dela sobre a importância da educação que a vida dele tava tomando forma. Foi nas aulas dessa professora que ele começou a vislumbrar uma graduação e que ele tinha que fazer o que ele gostava, porque foi vendo a professora dele feliz na escolha pela biologia, fazendo o que ela gostava que ele acreditou que também deveria seguir o mesmo caminho.

Bruno traz também a informação que foi beneficiado durante toda a infância com o Bolsa Família, e que foi o que ajudou a mãe dele a pagar a escola e a não morrer de fome. Atualmente ele diz que usufruiu e usufrui de duas políticas públicas, o SISU e o auxílio permanência da UFPE.

5.4 Universidade

Ao entrar na universidade ele relata que no início foi difícil para ele, pois ele era tímido, e quando ele entrou ele não conhecia ninguém, eram muitas pessoas novas. E em sua van, que ele pega todos os dias para ir e voltar da faculdade, pois mora em uma cidade diferente que estuda, todos ou quase todos os colegas da classe que estavam na van eram ex-colegas de turma, logo, se conheciam. Mas com o tempo, e estar nesse novo cenário fez com que ele fosse perdendo um pouco da timidez.

Nas primeiras aulas ele fala que se sentia burro¹¹, pois nas disciplinas de educação tinham vários filósofos, que ele não conhecia nenhum, e via seus colegas de turma acrescentando na discussão e ele não, logo se sentia um pouco deslocado de início. Mas quando teve aula de Fundamentos da Biologia ele começou a falar mais, a interagir mais, pois ele sabia que sabia Biologia, logo ele se sentia mais

¹¹ Palavra utilizada por ele

seguro.

Sobre o seu processo de graduação ele fala que ta sendo ou que foi bem conturbado

Por conta que até o terceiro período foi presencial, mas aí chegou a pandemia no início do terceiro período e eu só voltei para faculdade depois do começo do sexto período. Então eu perdi 1 ano e meio, na verdade eu acho que foi uns dois anos e meio, porque teve o período que a gente não teve aula e nesse meio do caminho eu estava ali na transmissão de começar a trabalhar com Ernani, e foi ali que eu comecei a perceber que eu teria que correr atrás de algumas coisas se eu tivesse algo a mais do que a graduação. E aí eu só consegui ter essa noção e essa maturidade quando eu cheguei no 6º, até porque em casa com os conflitos e por causa do TDAH, eu não consigo estudar em nenhum lugar que não seja o lugar que está delimitado para eu estudar, que é aqui.

Durante os períodos de ensino remoto eu não conseguia fazer nada ou produzir. A única coisa que eu consegui foi assistir simpósios, meu lattes tá cheio de simpósios fruto do período remoto, turma da pandemia. Quando voltei para o presencial, já voltei pensando no que eu tinha que fazer, foi uma correria e tá sendo uma leve correria, porque eu não consegui participar dos simpósios, congressos e etc., só consegui participar de um, que foi ano passado, que foi com paleontologia, mas agora eu to correndo atrás, porque eu tava correndo atrás de fazer parte do grupo de pesquisa, e foi lá que eu comecei a ter uma leitura maior e aprender um pouco mais e fui tentando estudar para essas outras coisas, outros objetivos, mas em relação a produção que foi um pouco conturbado.

Agora, eu fiquei um pouco triste, porque como eu to fazendo a seleção de mestrado em educação, a análise do currículo que eles pedem é só em Outubro, daí eu pensei que ia da tempo de melhorar meu currículo e de colocar duas apresentações, daí me inscrevi e submeti dois resumos para apresentação, mas daí quando eu fui fazer a inscrição, eles pediram o currículo e os comprovantes, daí essas apresentações ficaram para outro momento. Agora eu estou tentando fazer um monte de coisa, grupo de pesquisa, seleção de mestrado, produção do material do simpósio e monitoria também acontecendo. (BERNARDINO, 2023)

Bruno menciona uma pessoa chamada Ernani, professor na UFPE, que é orientador dele e que vem auxiliando ele desde o terceiro período da faculdade. Ele menciona que foi esse professor que abriu portas para ele, que apresentou a educação inclusiva, que estendeu a mão para ele e o introduziu no mundo acadêmico. É o professor que trabalha com educação e que também trabalha com sexualidade, ambos os temas de interesse de Bruno.

Ao falar sobre o curso, Bruno diz que o que mais lhe agrada é as possibilidades que o curso de Biologia dá para os estudantes. O curso é geral, e abrange uma vasta gama de disciplinas que introduzem os estudantes em diferentes mundo e oportunidades de trabalho, e ele dá o exemplo de seu núcleo de amigos da faculdade, que o acompanha desde do primeiro período da faculdade, e cada um

deles possui uma área diferente de trabalho, mesmo cada um deles terem frequentados as mesmas aulas no mesmo tempo. Ele também menciona que atualmente ele tem duas disciplinas que ele está amando cursar, Educação das Relações Étnico Raciais e Fisiologia animal comparada. Em relação a FAC ele diz que está sendo uma disciplina que está fazendo todas as outras disciplinas de biologia fazerem sentido. Sobre ERER, ele fala que ta sendo muito enriquecedor, pois ele tinha acesso uma das discussões que a disciplina aborda, mas que as outras ele nunca tinha parado para pensar, e ta tendo um contato mais acadêmico e mais complexo das discussões ta mostrando para ele outras dimensões de mundo.

Ele também levanta o problema de como ler está sendo o maior desafio para ele, pois ele tem Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, o que faz com que algumas leituras de 20 minutos vire horas, horas que muitas das vezes não se transformam em algo utilizável para ele, não vira um conhecimento sólido. E ele fala que por causa da baixa concentração e alta probabilidade de desfoque, faz com que todo e qualquer conteúdo que não seja o que ele gosta, se transforme em algo mais difícil e demorado de conseguir aprender.

Para tentar enfrentar o desafio da leitura ele fala que ele ler múltiplas vezes a mesma coisa, faz leitura ativa e também tentar compartilhar o que ele leu, porque ele acredita que assim ele consegue fixar melhor o conteúdo, e normalmente ele usa o amigo dele, Thiago, para ensinar o que ele leu. Ele também diz que tenta fazer algumas pontes na sua memória usando palavras chaves para poder engatilhar a sua memória.

5.5 Momentos de Rupturas

Quando perguntado sobre o que a UFPE representa para ele, o Bruno diz o seguinte:

Acho que ela representa para mim essa possibilidade, acho que ela foi o caminho que me mostrou mais caminhos a seguir, para usar exemplo que a professora Zélia usou em gestão, a UFPE me mostrou que a minha escadinha ainda tinha mais degraus para subir, e acho que me mostrou isso, que tem vários caminhos a seguir, mesmo que sejam um pouco difíceis, mas que dá para conseguir, a ufpe me mostrou possibilidades. (BERNARDINO, 2023)

Ainda falando sobre possibilidades, Bruno trás a importância da educação para ele:

Eu acho que a educação foi o que me possibilitou viver, porque hoje em dia eu vejo a minha mãe, que não teve educação, ela não vive, ela permanece nesse ciclo que é acordar cedo e ir trabalhar, voltar para casa e trabalhar, dormir e ir trabalhar de novo, e trabalhar e trabalhar. Hoje ela não tem nenhum momento de lazer, porque no tempo de descanso que ela tem ela tá trabalhando, e eu acho que se eu tivesse permanecido sem educação eu estaria nesse mesmo ciclo. A educação foi esse grande portal que me mostrou que tem muita outras coisas para se fazer, que tem muitos outros discursos que eu preciso acessar, que eu preciso conhecer, a educação foi o que me possibilitou viajar e conhecer outros lugares, me possibilitou conhecer outras coisas, me possibilitou encontrar um velho francês que tem uma teoria bastante interessante, então acho que a educação foi essa grande salvadora para mim. (BERNARDINO, 2023)

A partir da fala dele fica claro como a educação foi essencial para que ele pudesse enxergar uma realidade diferente da que se estava sendo apresentada a ele diariamente a partir da sua mãe, que não teve esse direito garantido a ela. É a partir desse vislumbre de novas oportunidades que causa nele essa ruptura com o que se era esperado dele e para ele. A educação, principalmente em forma de uma professora, foi responsável por mostrar a ele o ensino superior enquanto uma chance de mudar a sua realidade.

5.6 Desafios e Resistências: Violências para lá de simbólicas

Bruno é uma pessoa que traz alguns marcadores sociais de distinção, ele fala que para ele o principal fator de distinção seria da sua feminilidade, ele se diz ser extremamente afeminado, e que isso sempre foi usado para as pessoas julgarem ele e foi o causador principal de falas homofóbicas para com ele. Ele traz que mesmo nos momentos de lazer dele, que são jogando jogos online com sua amiga, quando ele fala em chats de jogos, ele sempre ou quase sempre, é atacado por causa de sua voz. Ele também relata que quando era mais novo, um senhor, padrasto de uma amiga, tropeçou de leve em seu pé, e a primeira coisa que ele fez foi xingar Bruno por ele ser gay.

Entretanto, a homofobia não fica restrita a esses meios externos, ele conta que dentro de casa, quando há os momentos de conflitos com o namorado de sua

mãe, ele também sofre xingamento por ser afeminado, mesmo essa não sendo a pauta que fez com que a discussão começasse.

Bruno diz que devido a esses ataques, sempre que está em algum lugar que ele não tem familiaridade ele tenta ficar calado, pois não sabe como as pessoas vão reagir a isso, com medo de sofrer homofobia. Ele relata que já ligaram para ele para xingar ele devido a sua voz e sua sexualidade. Ele diz que a principal desvantagem que isso lhe trouxe foi não ser visto, ou diminuir as chances de ser visto ou falar algo que fosse pertinente com medo de sofrer ataques.

Apesar de tudo isso, Bruno fala que sua mãe é muito bastante confortável com sua sexualidade, ela não tem preconceito, ela ainda tem um certo medo do que pode vir a acontecer com ele por ele ser LGBT, e ela tinha o costume de corta o cabelo dele com frequência, e ele diz que acha que era uma das formas da mãe dele tentar diminuir as chances dele sofrer homofobia, fazendo ele ficar mais próximo de uma figura heteronormativa.

Outro desafio que o Bruno trás é sobre saúde mental, ele fala que foi diagnosticado com TDAH e TAG,

Mas fui diagnosticado já tarde, eu já tinha suspeita, mas fui muito tarde, falei para psicóloga, ela me deu o prognóstico, ela me deu um diagnóstico de TDAH moderado ou severo, Transtorno da Ansiedade Generalizada severa e Depressão leve. Já passei dois anos me medicando, mas o TDAH, agora depois de adulto o remédio não tinha mais efeito, agora é só com terapia, daí já faz um tempo que eu to tentando, mas não tá dando tão certo. A minha ansiedade, não sei se é por causa do momento atual, mas a ansiedade tá bem tranquila, tem os momentos pontuais, mas daí bem tranquilo. Como eu não estava querendo mais me entupir de remédio e os remédios eram muito caros, eu parei com eles, e os medicamentos não tem pelo SUS, e todo meu dinheiro de auxílio ia basicamente tudo para os remédios, daí eu tomei a decisão de parar e avisei a psicóloga. O TDAH está sendo o meu maior desafio, porque teve um dia que eu passei 10 horas para transcrever o que eu tinha escrito em uma página de caderno para o computador. (BERNARDINO, 2023)

Ele fala que a forma que lida com os transtornos de ansiedade e déficit de atenção simplesmente passando com tudo por cima, saindo da zona de conforto e aprendendo a lidar com o que ta acontecendo, e que essa foi a estratégia que ta dando certo.

5.7 Futuro

Para o futuro, Bruno fala que tem planos acontecendo, fala que está passando por um processo de seleção de mestrado em educação, mas tem outras possibilidades de planos, que seria trabalhar com paleontologia. Ele fala que o seu objetivo de vida atual é uma casa com piscina no “quinto dos infernos”¹², quer ser professor concursado da UFPE ou de alguma instituição federal, dá a aula dele e depois voltar para o meio do mato e se isolar.

5.8 Apontamentos

Ao observarmos a história do Bruno, podemos fazer alguns apontamentos que se destacam na fala dele, desde de como *habitus* se apresenta e se transforma ao longo de sua vida, de como os capitais vão sendo adquiridos ao processo de escolarização dele. Ao percebermos de onde o Bruno sai, de uma situação de vulnerabilidade socioeconômica, podemos nos fazer a seguinte pergunta: Como uma pessoa empobrecida consegue adentrar no ensino superior? Para tentarmos entender como provavelmente isso foi possível, traremos aqui alguns pontos, que irão seguir a ordem cronológica da fala do pesquisado e colocarei dentro de 3 grandes grupos, *habitus*, capital e campo.

5.8.1 O *habitus*, Capital e Campo que me faltava

Ao lermos o primeiro eixo de perguntas, que tem como objetivo vislumbrar minimamente como se constitui o *habitus* de Bruno, podemos perceber que não é o que nós provavelmente esperamos ou idealizamos de alguém academicamente engajado, pois atualmente ele está envolvido em 4 resumos em um simpósio Paleontologia e faz parte de um grupo de pesquisa. Em sua fala ele traz que não é uma pessoa que possui um hábito de leitura:

¹² palavras usadas pelo entrevistado

Eu sou uma pessoa que eu leio na base da obrigação. Esse ano mesmo eu li uns quatro livros, nenhum dos quatro foi algum que eu queria ler, todos foram livros que Ernani pediu para eu ler ou eram da seleção de mestrado. Apesar de ter uns 500 livros em casa de um gênero que eu gosto, que é de terror, eu não encontrei tempo agora para ler. (BERNARDINO, 2023)

Ao mencionar o tempo, de não conseguir encontrar tempo para ler, podemos pensar em duas possibilidades. A primeira, ele sabe que precisa ler, para aquisição de capital cultural, mas não consegue, podemos imaginar que seja devido ao TDAH. A segunda possibilidade pode ser que ele ainda não tenha ou ainda não tenha incorporado em seu *habitus* o hábito de leitura. Entretanto, quando perguntado sobre o que ele faz no seu tempo livre, ele diz que não faz nada

Nada, literalmente. O meu tempo livre é dedicado para nada, no máximo assistir um negócio ou ver uma besteira no YouTube e no Instagram, mas assim, eu no meu tempo livre não faço nada. (BERNARDINO, 2023)

É a partir dessa fala, de que em seu tempo livre ele não faz nada, que podemos pensar em como mesmo em tempo ocioso, ele não dedica tempo para leitura, talvez esse tempo não seja grande, ou com frequência, mas em uma leitura bourdieusiana, para que possamos adquirir capital cultural, é necessário que tempo seja investido. Logo se esse tempo ocioso não é convertido em capital cultural, podemos concluir é provável que ele não tenha, ainda, incorporado em seu *habitus*, ou compreendido, a relevância da dedicação de tempo para aquisição de capital, capital esse que só pode ser adquirido a partir do investimento pessoal de tempo (BOURDIEU, 2015).

Essa falta de investimento pessoal, de dedicação de tempo, não é algo restrito ao hábito de leitura, quando olhamos para o eixo de educação, podemos observar que é algo comum na sua vida escolar notas baixas ou equilibrar, com exceção dos anos iniciais do fundamental:

Até a quarta série eu era uma criança que gostava de estudar, mas depois, quando eu entrei nessa escola, eu me juntei com meus coleguinhas e fiquei uma criança que gostava muito de conversar, e as notas foram caindo progressivamente até a oitava série, e mainha quando viu minhas notas disse que se eu não passasse de ano e fosse pro ensino médio ela dava em mim, daí estudei o suficiente para passar, e passei. Daí eu fui para a minha escola do ensino médio, lá as notas foram equilibrando, as disciplinas que eu gostava ia aumentando e as que eu não gostava tanto iam caindo[...] (BERNARDINO, 2023)

A partir dessa fala dele fica cada vez mais acentuado como o *habitus* do Bruno não tinha a importância da educação, para uma mobilidade social, de forma estruturada. Pelo que conseguimos ver ele era uma criança e adolescente que lhe faltava essa leitura. Todavia, podemos pensar que ele só estava vivendo sua infância e adolescência, entretanto, numa leitura bourdieusiana dessa situação, o *habitus* de Bruno, de não dar o devido valor a sua educação, é resultante de toda sua herança cultural, que ao olharmos para as histórias de seus pais, a escolarização não é algo presente, pois sua mãe não tem nenhum nível de ensino completo, e êxito escolar pode ser entendido também como nível de capital cultural para ser transmitido (BOURDIEU, 2015).

Também é perceptível o impacto *habitus* de desinteresse quando ele fala sobre seu processo de estudar e passar no vestibular. Contudo, não é apenas a falta de interesse, é a falta de capital cultural de como funciona o sistema. Ele não tinha ninguém em sua vida que tivesse passado por um processo de vestibular, ele foi o primeiro de sua família, isso por si só já torna o processo mais complexo, processo esse que já estaria incorporado nele se ele tivesse referencial na família:

A presença no círculo familiar de pelo menos um parente que tenha feito ou esteja fazendo curso superior testemunha que essas famílias apresentam uma situação cultural original, quer tenham sido afetadas por uma mobilidade descendente ou tenham uma atitude frente à ascensão que as distingue do conjunto das famílias de sua categoria.

Prova indireta do fato de que as oportunidades de chegar ao ensino secundário ou superior e as chances de ser bem-sucedido são função, fundamentalmente, do nível cultural do meio familiar[...] (BOURDIEU, 2015, p. 48).

Ou seja, tudo que foi apontado aqui até o momento, teoricamente colocaria Bruno no grupo de pessoas com a probabilidade de pouco ou nenhum êxito escolar, pois ele vem de uma família sem algum tipo de capital cultural que pudesse influenciar a forma que ele se comportava para com a educação e o processo de escolarização. Entretanto, o nível superior de ensino foi alcançado, colocando ele indo em direção contrária às probabilidades de êxito escolar, pois ele não tinha o capital de maior relevância para conseguir chegar no ensino superior, o capital

cultural (BOURDIEU, 2015).

Todavia, mesmo sem o capital, Bruno é essa exceção, e a partir da leitura de sua história de vida, podemos creditar duas pessoas que tiveram papéis extremamente importantes para esse êxito escolar. A primeira pessoa seria a sua mãe, que mesmo sem escolarização, conseguiu ter uma leitura de mundo onde o caminho para um êxito social seria a partir do êxito escolar. Podemos ver isso na fala de Bruno, principalmente quando ele fala que a mãe dele sempre trabalhou para que ele pudesse estudar, pudesse comprar material escolar e garantir seu acesso no espaço escolar.

A segunda pessoa que podemos apontar que dá a ele essa vontade de ser algo a mais do que apenas um estudante que “estuda o suficiente para passar”, que contribuiu para mudar como ver a educação, que contribui no interesse dele pela graduação e que é influência direta em sua escolha de curso é a sua professora de Biologia do segundo ano do ensino médio, Elis. Ele traz no discurso dele que foi ela que despertou nele a vontade de fazer uma graduação, é assistindo as aulas dessa professora e seu entusiasmo por ensinar que cria nesse essa vontade de ter a mesma coisa, de fazer o que ele gostava, pois assim ele conseguiria desenvolver melhor e ter um êxito.

O mesmo irá acontecer quando ele adentra no ensino superior, ele entra em um novo campo, como novas regras de jogo. É perceptível em sua fala que quando ele entra neste novo campo, ele não é alguém que deveria estar nesse local, ele não é alguém que tem o *habitus* do campo universitário.

Eu me senti muito burro quando fui cursar História e Filosofia da Ciência, porque eu não conhecia, Fundamentos da Educação, quando Ernani começava dos filósofos X e Y, que eu não conhecia, e eu via uma galera comentando sobre os filósofos e o que eles dizia e eu ficava só observando. Eu não tinha leitura nenhuma sobre os assuntos das humanidades, daí as únicas cadeiras que eu ficava mais seguro era tipo Fundamentos da Biologia, porque eu sabia que eu sabia sobre Biologia, mas o resto eu fui descobrindo no meio do caminho. (BERNARDINO, 2023)

É nítido em sua fala que ele percebe que estava deslocado nesse campo universitário, que ele teria que mudar sua postura se ele quisesse permanecer nesse lugar. Na fala se deixa claro que um ensino médio mediano não era o suficiente, pois se era esperado que algumas leituras, ou nesse caso, já se era esperado que ele já tivesse o capital cultural que é saber os conceitos básicos de alguns filósofos. Mas,

devido a sua classe social, era um capital que ele não tinha, e que ele deveria correr atrás desse tempo perdido.

No ensino superior Bruno teve outra excepcionalidade que contribuiu nessa vertente contracorrente que ele estava indo para aquisição de um êxito escolar. No caso dele foi o seu orientador, que mostrou para ele quais eram os caminhos a serem seguidos e que deu a ele o acesso ao capital cultural que ele tanto precisa para que esse êxito seja possível. Conseguimos perceber que em sua história, a aquisição de capital cultural não veio pelos membros da família restrita ou extensa¹³, ou seja, a transmissão do capital não acontece de forma convencional, pois, como o Bruno nos traz, todos os contatos com a sua família extensa foram cortados quando ele e sua mãe foram abandonados e ou expulsos de ambas famílias, materna e paterna. Logo, sozinha, sua mãe não teve tempo ocioso para a sua própria aquisição de capital cultural, pois era necessário trabalhar para se sustentar e sustentar o seu filho.

5.9 Reflexões

Assim, compreende-se por que a pequena burguesia, classe de transição, adere mais fortemente aos valores escolares, pois a escola lhe oferece chances razoáveis de satisfazer a todas suas expectativas, confundindo os valores do êxito social com os do prestígio cultural. Diferentemente das crianças oriundas das classes populares, que são duplamente prejudicadas no que respeita à facilidade de assimilar a cultura e a propensão para adquiri-la, as crianças das classes médias devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também um ethos de ascensão social e de aspiração ao êxito na escola e pela escola, que lhes permite compensar a privação cultural com a aspiração fervorosa à aquisição de cultura.(BOURDIEU, 2015, p.53)

É a partir dessa reflexão de Bourdieu (2015) sobre crianças de classe populares serem duplamente prejudicadas no que diz respeito a assimilar a cultura e a propensão a adquiri-la que me fez pensar sobre quantas crianças e jovens como o Bruno não existem no Brasil, quantos não são possuem o seu futuro afetado diariamente por conta de capital cultural e por conta da escola. No caso da história aqui trabalhada, esse Bruno contou muito com a sorte, a sorte de ter pessoas que contribuíram para que a forma que ele enxerga a educação mudasse. Entretanto,

¹³ Forma que Bourdieu usa para se referir a Família nuclear e Família parental.

esse não é o caso de muitos, principalmente no cenário educacional atual, com iniciativas neoliberais se adentrando no sistema educacional, como o Novo Ensino Médio.

Numa escola neoliberal, temos a educação deixando de ser um bem comum, público, para ser uma mercadoria, de bem privado comercializável, sofrendo os condicionamentos da lógica empresarial em termos de gestão e de resultados (CATANI, 2019). Ou seja, não temos mais uma escola que o objetivo é o desenvolvimento de um indivíduo pensante, um ser crítico, temos agora uma instituição que tem como objetivo criar o máximo possível de mão de obra barata e o suficientemente capacitada para o trabalho (LAVAL, 2019).

Há três palavras recorrentes no discurso neoliberal e na defesa da reforma do novo ensino médio que me chamam a atenção. A primeira palavra é a “Liberdade”, seguindo a lógica de livre mercado, é colocado a falsa liberdade de escolha, que Laval (2019) vai chamar de escola-supermercado, que vai vender ao estudante a ideia de que ele pode escolher o seu destino, e essa falácia é vendida também no Novo Ensino médio, e vai ser chamado de Itinerários formativos.

Na escola-supermercado, o aluno tende a construir seu próprio programa. Na realidade, os que detêm as capacidades sociais e culturais necessárias para desenvolver uma estratégia que os predisponha a estudos de longa duração destacam-se daqueles que fazem escolhas mais fáceis ou oportunas, por não ter condições de prever adequadamente as consequências dessas escolhas. (LAVAL, 2019, p. 374)

Ou seja, como citado anteriormente, Bourdieu (2015) vai nos dizer que o que mais importa para o êxito escolar e social de um indivíduo, não é o capital econômico, mas sim o capital cultural e Laval (2019) vai reafirmar essa discussão. Esse capital cultural vai ditar a forma que eu entendo como o sistema funciona, é a partir dele que eu vou escolher os melhores caminhos para que eu possa ter sucesso escolar. Como que uma criança empobrecida, sem capital cultural, sem noção de como funciona o campo escolar, vai ser capaz de escolher criteriosamente os melhores itinerários formativos para construir um currículo forte, competitivo para se dar bem nesse contexto de escola e sociedade neoliberal? Ela provavelmente não vai, pois vai lhe faltar capital o suficiente para fazer essa escolha. Se Bruno estivesse nessa escola neoliberal e não tivesse a professora Elis, ele provavelmente estaria sofrendo com isso, e por querer fazer o suficiente para passar, com certeza

escolheria os itinerários mais fáceis, e conseqüentemente iria conseguir os empregos mínimos.

E essa é pensando no melhor cenário possível, em que a escola que o aluno estuda em questão tem todos os itinerários possíveis. Entretanto essa não é a realidade, e as escolas estão protegidas pelo artigo 36 da lei 13.405/17, que diz:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino. (BRASIL, 2017)

Ou seja, nenhuma escola é obrigada a oferecer os 5 itinerários formativos, logo, se o estudante for de uma escola do interior, onde só existe a sua escola de ensino médio e ele não tiver condições de sair de sua cidade, sua escolha de itinerário formativo não vai ser livre, vai ser o que tem. E isso derruba o discurso da liberdade de escolha, construção do próprio currículo pelo estudante, currículo esse que o quanto mais específico for, pior será para o aluno, pois o ENEM ainda permanece exigindo conhecimentos gerais de todas as áreas do saber.

A segunda palavra que me chama a atenção é a concorrência, e sobre isso o Laval (2019) vai trazer uma ótima discussão:

Na realidade, em todas as áreas em que se desenvolveu uma lógica de concorrência, houve um crescimento dos fenômenos segregadores, que hoje são um fator novo e específico de reprodução social. O fator do “ambiente”, isto é, o recrutamento social feito pelas escolas, tornou-se primordial nas estratégias dos pais e dos estabelecimentos escolares. A composição social e étnica das escolas se tornou uma vantagem comparativa para uns e uma desvantagem para outros. A escolha do estabelecimento não é uma escolha livre, como os partidários do mercado escolar gostariam que acreditássemos. (p.209)

Anteriormente me foi apresentado uma outra forma de olhar essa discussão sobre a concorrência e seus malefícios, como escolas com o objetivo de titulação de melhor escolas nos testes padronizados de qualidades, começaria a preparar os seus estudantes para fazer esses testes, e não para um ensino significativo. A discussão, também levantada pelo próprio Laval (2019) como também por Freitas (2018), que fala que os testes de padronização inseriram as escolas em um sistema meritocrático de prestação de contas de seu trabalho, alimentando a competição entre as escolas e professores.

Entretanto, Laval (2019) traz para a discussão os impactos étnico raciais dos aspectos de concorrência da escola neoliberal, sobre a segregação social e racial que acontece usando de exemplo países que são tidos como referências quando se fala numa estrutura neoliberal de ensino como a Inglaterra e a Holanda. Laval (2019) fala sobre um estudo, em que famílias de minorias étnicas tendem a escolher estabelecimentos escolares em que crianças da mesma origem delas são maioria. Entretanto, essa decisão não é irresponsável como aponta o Laval (2019), em um sistema de livre escolha, ou mesmo de escolha parcial, as escolas podem definir critérios de recrutamento tão mais facilmente quanto maior for a demanda por elas (LAVAL, 2019).

Em seu texto, Laval (2019) trás que, os diretores, em contexto de alta demanda, são os responsáveis por escolher quais são os estudantes que entram ou não nessa escola, e que os pais de famílias favorecidas sempre ocupam as vagas. Usando de exemplo a Nova Zelândia:

A concorrência provocou o fechamento das pequenas escolas, que ficaram progressivamente sem alunos, e limitou o acesso dos jovens às boas escolas. Os alunos excluídos foram para escolas piores que aquelas em que estariam caso não houvesse livre escolha. O exemplo neozelandês mostra que a concorrência acabou com a escola socialmente mista e fez crescer a diferenciação social e, principalmente, étnica dos estabelecimentos escolares. As escolas que admitem alunos mais pobres e minorias étnicas entram numa “espiral descendente”. (LAVAL, 2019, p. 216)

Ou seja, num país como o Brasil, a implantação desse sistema de concorrência da escola neoliberal, se entrar em vigor, pode vir a acentuar ainda mais a desigualdade racial no país. E se olharmos para a narrativa do Bruno, o fato de ser branco e de sua mãe ser branca, provavelmente foi um dos dos fatores que contribuíram para que o seu êxito escolar acontecesse, apesar de também ter um marcador de distinção, a sua sexualidade ou feminilidade, como colocado por ele, não é um fator de distinção físico, como a cor da sua pele.

A terceira palavra que me chamou atenção foi a “profissionalização”, profissionalização essa que por si só não seria necessariamente negativa. Entretanto, como traz Laval (2019), o problema começa quando essa seria a única saída para o jovem de classe popular, ele seria incentivado para seguir o caminho do ensino técnico, e não de um ensino para o exercício pleno de cidadão crítico. Em alguns contextos apresentados pelo autor, alguns estudantes podem fazer uma

espécie de jovem aprendiz durante seu ensino médio, para com sua formação a partir do momento que ganha um contrato com a empresa e depois de anos ele pode apenas pedir o seu diploma.

Desse modo, muitos alunos do ensino médio e superior – os que apresentam maior dificuldade – poderão ser “convidados” a sair da formação inicial assim que se avaliar que eles sabem o suficiente para ocupar os empregos aos quais estão destinados e adquirir experiência profissional com a promessa de que um dia poderão completar sua formação escolar ou validar seus conhecimentos profissionais por intermédio de uma instância pública ou privada de certificação. (LAVAL, 2019, p. 365)

Nesse configuração, vários Brunos ficariam provavelmente presos nesse ciclo que a mãe de Bruno se encontra:

[...] minha mãe, que não teve educação, ela não vive, ela permanece nesse ciclo que é acordar cedo e ir trabalhar, voltar para casa e trabalhar, dormir e ir trabalhar de novo, e trabalhar e trabalhar. Hoje ela não tem nenhum momento de lazer, porque no tempo de descanso que ela tem ela tá trabalhando, e eu acho que se eu tivesse permanecido sem educação eu estaria nesse mesmo ciclo. (BERNARDINO, 2023)

Esse é o futuro e o presente de muitas pessoas, que assim como a mãe de Bruno não teve o acesso à Educação, acesso que na verdade lhe foi negado. Hoje, se ela tivesse tido essa possibilidade, com certeza estaria na busca de novos sonhos, sonhos esses que não morreram, mas que devido a rotina de trabalho tiveram que ficar de escanteio, e esse provavelmente será o destino de vários, que por terem nascido em lares desfavorecidos, não vão conseguir ver na educação esse caminho de saída e que talvez quando venham perceber já seja tarde, e os sentimentos de frustração e de fracasso tomaram conta, impedindo que uma mobilidade social, mesmo que tardia, aconteça.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da minha história de vida e do auxílio de Bourdieu, podemos concluir que eu sou uma exceção, que muitos não terão a mesma oportunidade, ou a sorte de encontrar pessoas no meu caminho que me levou a entender a educação enquanto essa força transformadora e que o possibilitaria uma mobilidade social. Se eu tivesse vivido em outro contexto, com outras pessoas, pode ser que eu não teria chegado no mesmo lugar, ou talvez tivesse chegado nos lugares com uma maior facilidade, mas com certeza o que essas diversas possibilidades tem em comum é a educação, seja a falta dela de maneira formal, ou a presença dela, ela vai ser sempre um caminho a ser trilhado para que as rupturas aconteçam.

A educação foi sim essa força transformadora na minha vida, mas não na forma de conteúdo, não na forma de um diploma, mas sempre na forma de um professor, se hoje cheguei onde estou, e tenho os objetivos que tem, foi porque um professor me influenciou ou iluminou o caminho que eu devo seguir.

Por fim, podemos perceber que a minha vida, como de qualquer ser humano não é linear, e que provavelmente mais apontamento e reflexões poderiam ser feitas a partir da minha história, que mais desafios, resistências e ressignificações iram surgir, por isso que esse trabalho nunca chegaram a um fim, mesmo com a minha morte, diferentes pontos de vista sobre a minha história poderá trazer novas formas de interpretar os caminhos que segui, as pessoas que eu conheci e as decisões que tomei.

É nessa pluralidade que me encontro, que encontro Bourdieu, nós não somos estáticos, estamos sempre em movimento, um movimento coletivo, que a cada decisão que tomamos é de certa forma um ato político, que irá mudar a maneira que somos vistos e vemos a sociedade que nos circunda, e o mesmo é válido para a escola, ela nunca é estática, ou livre das influências externas e internas que surgem dentro dela. Essa escola em movimento sempre deverá existir, e ser valorizada, pois é a partir dela que as transformações irão acontecer, e mudar a vida de tantos, assim como mudou e ainda está mudando a minha.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2005. 236 p.
- ALMEIDA, L. R. S. PIERRE BOURDIEU: A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DE "A REPRODUÇÃO". Revista **Inter Ação**, Goiânia, v. 30, n. 1, p. 139–155, 2007. DOI: 10.5216/ia.v30i1.1291. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/1291>. Acesso em: 9 mar. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 18. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2015. 256 p.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.
- BRASIL. Lei nº 57, de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral.. **Lei do Novo Ensino Médio**. Brasil, 16 fev. 2017. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm. Acesso em: 14 set. 2023.
- CATANI, Afrânio Mendes. **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 398 p.
- FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 160 p.
- LAVAL, Christian. **A Escola Não é uma Empresa**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 288 p.
- MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: **Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos**, 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Cap. 1. p. 9-29.
- POULOS, Christopher N. CONCEPTUAL FOUNDATIONS OF AUTOETHNOGRAPHY. In: POULOS, Christopher N. **Essentials of Autoethnography**. Washington: American Psychological Association, 2021. Cap. 1. p. 3-18. (Essentials of Qualitative Methods).

RIBEIRO, Ernani Nunes. **Retratos de um professor universitário surdo: experiências frente os paradoxos da inclusão/excludente educacional**. 2020. 208 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcs.2017.113972. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>. Acesso em: 9 mar. 2023.

SILVA, Aline Pacheco; BARROS, Carolyne Reis; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

VALLE, I. R.. A reprodução de Bourdieu e Passeron muda a visão do mundo educacional. **Educação e Pesquisa**, v. 48, n. Educ. Pesqui., 2022 48, p. e244296, 2022.

VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 23, n. 78, p. 77-87, abr. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302002000200006>.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 27-53, fev. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-76122006000100003>.

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

EIXO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA– PRIMEIROS ELEMENTOS PARA COMPOSIÇÃO DO HABITUS.

- Quebrar o gelo – imaginário do sujeito.

1. Vamos começar com o agora, como se sente hoje?
2. Como está a sua vida neste momento?
3. O que gosta de fazer no tempo livre?
4. O que mais lhe agrada no seu trabalho?
5. Se não atuasse no que atua, em que gostaria de atuar?
6. Por que não seguiu esse caminho?

- Elementos descritivos das memórias

1. Como você se descreveria a você mesmo?
2. Qual a sua idade?
3. Onde nasceu?
4. O que lembra da sua cidade na infância?
5. É casado?
6. Sua esposa é surda ou ouvinte?
7. Tem filhos? Quantos? Algum deles é surdo?
8. Seus filhos sabem Libras?
9. Como é a relação com seus filhos?
10. Como é a comunicação em casa?

EIXO 2 – FAMÍLIA E INFÂNCIA – PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS CAPITAIS SIMBÓLICOS E CULTURAIS

1. Poderia me falar sobre sua família?
2. Qual era a ocupação dos seus pais?
3. Tem irmãos?

4. É o único surdo da família?
5. Como era a relação com os irmãos?
6. Como se comunicavam?
7. Onde moravam?
8. Como era sua casa?
9. Como foi sua infância?
10. E seus amigos de rua e primos?
11. Como foi a descoberta da surdez para sua família?
12. Quando se descobriu que você era surdo?

● Delimitação do descritivo: capital cultural - a herança familiar na construção do habitus.

1. Como são seus hábitos de leituras? Sente dificuldade em lê em português?

Quais as principais dificuldades?

2. Qual a frequência que vai ao cinema? A falta de acessibilidade é um fator que você leva em consideração para frequentar o cinema?

193

3. Você gosta de artes cênicas? Frequenta o teatro? Quais as principais dificuldades?

4. Qual a frequência que viaja? Quais as principais dificuldades que você encontra ao programar suas férias? Me relate alguma história em alguma viagem que fez.

5. Já saiu do Brasil? Como foram as experiências?

EIXO 3 – CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE, LINGUAGEM E LÍNGUA

1. Como foi seu processo de comunicação em casa?
2. Quando não lhe entendiam como se sentiam? Lembra de algum fato interessante?
3. Quando e onde aprendeu Libras?

4. Como via o português?
5. Como se sentia ao vê os ouvintes conversando?
6. O que mudou na sua vida quando aprendeu a Libras?
7. Quando viu o intérprete de Libras pela primeira vez?
8. Como foi esse contato?
9. Como você entende a atuação do intérprete de Libras?

EIXO 4 – ESCOLARIZAÇÃO – PRIMEIROS ELEMENTOS PARA COMPOSIÇÃO DO CAMPOS E ACESSO À AMPLIAÇÃO DOS CAPITAIS TOTAIS.

1. Como foi o seu primeiro contato com a educação?
2. O que lembra da escola na infância?
3. Como foi a sua chegada na escola? (sugerir álbum de fotografias e buscar memórias)
4. Como foi seu processo de formação escolar? O que lembra das aulas? Dos docentes?
5. Estudava em escola regular? Tinha amigos?
6. Como era a sua relação com os professores?
7. Você se sentia prejudicado nas aulas?
8. Conte-me o que sentia quando estava nas aulas?
9. Pode descrever como era a aulas nas escolas? Entendia os conteúdos?
10. Lembra de alguma história da escola que lhe marcou até hoje?

o Provocando informação contextual

1. Quando você ouviu falar sobre inclusão educacional pela primeira vez?
2. O que você entende por acessibilidade?
3. O que este movimento lhe fez acreditar?
4. O que os outros diziam sobre o movimento de estudar em escolas regulares?

EIXO 5 – FORMAÇÃO PROFISSIONAL – AMPLIAÇÃO DOS CAPITAIS TOTAL E REFLEXOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

1. Como foi a sua formação acadêmica?
2. Quais os maiores obstáculos?
3. Como foi a relação com a instituição?

194

4. Como foi a relação com os professores?
5. Como foi promovida a acessibilidade?

EIXO 6 – ATUAÇÃO PROFISSIONAL – RELAÇÃO DO HABITUS COM OS CAPITAIS TOTAIS NO CAMPO SOCIAL

1. Poderia me falar sobre sua formação profissional?
2. Como e onde começou a trabalhar?
3. Conte-me um pouco sobre sua trajetória profissional.

EIXO 7 - MOVIMENTOS SOCIAIS E DE RESISTÊNCIA – RUPTURAS E CONJETURAS FRENTE À VIOLENCIA SIMBÓLICA DE CAMPOS SOCIAIS

1. Já se sentiu excluído? Isso motivou a lutar por melhores condições de vida?
2. Fale-me sobre sua atuação nos movimentos sociais de luta e resistência da comunidade surda.
3. E no cenário atual como você vê a comunidade de surdos? Quais perspectivas? Como você vê o futuro neste contexto?
4. Você se vê como líder para a comunidade de surdos no seu Estado?
5. Quais as principais atuações que você já fez que acredita que ajudou a mudar a vida de surdos e ouvintes na sociedade que vive?

EIXO 8- IMPACTOS DO EIXO 6 E 7 - Delimitação do descritivo: campo social

- Testando hipóteses

1. Você vem falando das dificuldades que sofreu ao longo de sua história de vida. O processo educacional tende a excluir mais do que preparar os sujeitos surdos por não atender as singularidades das pessoas surdas. Você poderia comentar sobre isso?

2. Mesmo havendo Tradutor e Intérprete de Libras na escola ou universidade isso não garante ou garantiu condições reais para atender suas necessidades de escolarização, você concorda com isso?

3. Como vê as questões da relação do Tradutor e Intérprete de Libras na vida do surdo?

- Do particular para o geral e vice-versa.

1. Na sua experiência, essa experiência de “inclusão excludente” é comum com sujeitos surdos? Sente isso na sua vida? Tem alguma memória sobre algum fato marcante?

2. Fale um pouco dessa experiência. O que você percebe?

- Tomando a postura ingênua – perceber a compreensão do sujeito sobre a perspectiva da temática da pesquisa.

1. Como você descreveria o processo de inclusão social de surdos para alguém que não conhece?

2. Como se identifica com essas dificuldades?

195

EIXO 9 – PERSPECTIVAS- RELAÇÕES DE PODER E ATUAÇÃO NO CAMPO ACADÊMICO

Projeções

1. Que tipo de professor universitário você gostaria de ser?

2. Acredita que algo impede você de atender seus objetivos?

3. O que pensa sobre o seu futuro profissional?

4. Quais os seus projetos para vida acadêmica? Tem feito? Me conte algum que vê como relevante.

5. Seu ambiente de trabalho respeita sua singularidade?

6. Se sente respeitado e visto tal qual os outros professores do espaço onde atua?

7. Seu trabalho tem o pilar de ensino, pesquisa e extensão. Você tem conseguido atuar nos três pilares?

8. Identifica-se com os três? Prefere algum em especial? Sua escolha é em virtude do que?

EIXO 10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS DO SUJEITO

Pensamentos finais

1. Nós discutimos uma porção de assuntos interessantes, há alguma coisa que nós não discutimos?

2. Há algo mais que você gostaria de me dizer?

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

EIXO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA– PRIMEIROS ELEMENTOS PARA COMPOSIÇÃO DO HABITUS.

1. Vamos começar com o agora, como se sente hoje?
2. Como está a sua vida neste momento?
3. Quem é Bruno, como você se descreveria? Quais as suas melhores qualidades e defeitos?
4. O que te faz feliz?
5. Qual a sua idade?
6. Onde você mora? Sempre morou na sua cidade?
7. O que tu faz no teu tempo livre?
8. Sobre MÚSICA o que você gosta de ouvir?
9. Como são seus hábitos de leitura? O que tu gosta de ler? Quais seus gêneros preferidos?
10. Qual a frequência que vai ao CINEMA? Quais teus filmes favoritos? Por que?
11. Você frequenta o TEATRO? Já participou de algum espetáculo?
12. Qual a frequência que VIAJA? Já saiu do Brasil? Como foram as experiências? Quais Estados fora de Pernambuco você foi?
13. Qual a frequência que você assiste à televisão? Que programas tu assiste?
14. Qual a frequência que você acessa a Internet? Qual conteúdo você mais acessa?

EIXO 2 – FAMÍLIA E INFÂNCIA – DE ONDE EU VIM:

SOCIALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS CAPITAIS SIMBÓLICOS E CULTURAIS

15. Tu moras só em gravatá ou com teus pais?
16. Me fala um pouco da tua família
17. Como é tua relação com tua mãe e com teu padrasto?

18. Qual a idade dos teus pais? Qual a escolaridade?
19. Qual a ocupação dos dois?
20. O que você sabe sobre a história da sua mãe
21. Como foi o processo de escolarização da sua mãe?
22. Você sabe como era a comunicação na família dela?
23. Como seu padrasto e sua mãe se conheceram?
24. Como é sua relação com a família do seu padrasto?
25. Onde vocês moravam durante sua infância?
26. Como era sua casa?
27. Você foi inicializado em alguma religião?
28. Você ainda é integrante dessa religião que foi inicializada?

EIXO 3 – ESCOLARIZAÇÃO – PRIMEIROS ELEMENTOS PARA COMPOSIÇÃO DO CAMPOS E ACESSO À AMPLIAÇÃO DOS CAPITAIS TOTAIS.

29. O que lembra da escola na infância? (amigos, se gostava de estudar, onde foi, lembranças de professores, disciplinas e estrutura da escola, pública ou privada, história interessante)
30. Como foi a escola para você no ensino fundamental? (amigos, onde foi, professores, disciplinas, momentos marcantes, desafios, o tdah)
31. Como foi a adolescência?
32. E o ensino médio?
33. Já foi beneficiário de alguma POLÍTICA PÚBLICA?
34. Como foi o processo do vestibular? Você fez algum cursinho? Disponha de material? Como era a rotina de estudos?
35. Seu desejo quando fez vestibular era ser professor de biologia? (se não qual curso e por que?)

EIXO 4 – UNIVERSIDADE – AMPLIAÇÃO DOS CAPITAIS TOTAIS E REFLEXOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

36. Como está sendo sua formação acadêmica?
37. O que mais te agrada no teu curso?
38. Até agora quais disciplinas você mais gostou? Por que?
39. E as que menos gostou?
40. Quais eram mais difíceis? Por que?
41. Quais atividades você faz fora as disciplinas obrigatórias (quais, como é, como se sente)
42. Como é sua relação com os professores até aqui?

EIXO 5 - MOMENTOS DE RUPTURAS FRENTE À VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE CAMPOS SOCIAIS

43. O que a UFPE representa para você?
44. A UFPE te ressignificou de alguma forma?
45. O quão é importante a educação para você?
46. O quanto ela impacta na sua vida?

EIXO 6 – DESAFIOS E RESISTÊNCIA: VIOLÊNCIA PARA LÁ DE SIMBÓLICAS

47. Quais os marcadores (sociais) de distinção você percebe em você?
48. Por que você acredita que esses marcadores o distingue das outras pessoas?
49. Quando e como você percebeu isso?
50. Em relação aos transtornos de aprendizagem, você já foi diagnosticado com algum?
51. Você acredita que seus marcadores sociais foram obstáculos para você?
52. Como as pessoas ao seu redor lidam com o TDA?
53. O TAG, foi um desafio para você? se sim, como? e como você lidou com ele?
54. Como ser LGBTQIAP+ se apresentou um desafio na sua educação?
55. Você sofreu algum tipo de violência por ser LBGQA?
56. Você já presenciou algum tipo de violência, seja ela de qualquer categoria?
57. Já sofreu algum tipo de preconceito?

EIXO 7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS DO SUJEITO

58. ENCAMINHANDO PARA O FIM DA ENTREVISTA: Muito da sua vivência foi falada nessa entrevista. Tem alguma coisa que você gostaria de falar que acabou não sendo falado?
59. Há algo mais que você gostaria de me dizer?

Apêndice B - Transcrição da Gravação

Como eu estou me sentindo hoje?

Eu tô ansioso, porque a essa altura do campeonato o TCC... ele ficou de canto, aí eu tô me preocupando, assim pensando “quanto tempo que vai dar isso quando eu vou passar depois disso aqui”, mas tô indo.

Como foi a semana?

Tranquila, assim tranquila na medida do possível. Porque eu tô tentando correr atrás do tempo perdido né, da pandemia... aí eu to com dois simpósios, dois resumos do simpósio, mais outros dois que não tá sendo liberado por mim, ta sendo liderado por Thiago, só que daí eu também to neles como co-autor e vice-versa. Já aproveitamos para publicar 4 de uma vez só... é... Eu vou ter que gastar 150 reais para fazer uma coisinha besta, só que eu não posso mudar, mas enfim... foi corrido mas foi tranquilo.

Como está sendo a vida fora da academia?

Eu to indo para a academia. Hoje foi o primeiro dia que eu vou para academia, hoje foi o único dia que eu fiz “vou dedicar pra mim”, aí eu fui para a academia hoje.

Quem é Bruno, como eu me descrevo?

Isso é difícil, não sei se é tão difícil porque eu gosto de falar... Não sei acho que eu sou uma pessoa que apesar das pessoas me verem ah “pipi popo”¹⁴, saltitante, falando, eu gosto de ficar no meu canto, gosto de ficar... Sei lá, em casa dormindo, não sou uma pessoa que gosto de sair, eu não gosto de festa de rua, por exemplo. Eu gosto de ficar ali com um grupinho de pessoas seletas, em algum lugar conversando e etc. Acho que o que me define é uma pessoa que gosta de conversar.

E fisicamente?

Fisicamente... bom eu tenho 185 cm, 140 quilos, eu acho, faz tempo que eu não me peso, tenho cabelos cacheados, sou branco, uso óculos e normalmente você vai sempre me encontrar de bermuda, é uma característica definitiva de mim, bermuda e uma sandália que imita couro parecido com couro, porque eu odeio usar sapato e calça.

O que eu acho da minha aparência?

¹⁴ Gíria que significa alguém que fala bastante

Eu gosto... porque assim, na maioria das vezes que as pessoas vivem falando de academia e etc. - Eu gosto de ir para a academia e etc mas eu não vou para a academia para emagrecer, porque eu gosto de ser gordo, não é algo aqui para mim... algo que eu tô tentando sei lá, me livrar. É algo que assim, se for uma consequência, okay, se não for uma consequência, okay também, não ligo na verdade.

Quais são as minhas maiores qualidades?

Pior que eu não sei, é que assim... Na maioria das vezes eu não penso muito, eu não penso na verdade, em relação a isso, eu tenho outras coisas que para mim acho mais importante, mas eu acho que talvez caridoso uma pessoa que dá muita atenção, não queria ser assim mas eu dou, uma pessoa que dá atenção. E a outra, eu vou falar das, daí fica no plural. Eu gosto de escutar, diria que minha qualidade seria que eu sou um bom ouvinte, uma pessoa que dá bons conselhos. contém os conselhos não sei que é bom conselho eu

Os piores defeitos?

Eu tenho ansiedade, então eu sempre fico pensando muito nas coisas que eu vou fazer e também eu tenho TDA, então eu sou uma pessoa muito impulsiva, então acho que um dos meus piores defeitos é ser uma pessoa muito impossível e facilmente irritável, apesar de não parecer, eu sou uma pessoa que me irrita com muita facilidade, e isso é meio que fisiológico, as pessoas conseguem perceber, eu fico com a cara toda vermelha e se brincar eu fico pingando de suor de tanta raiva.

O que me faz Feliz?

Acho que ficar em casa e estudar o que eu gosto, uma das poucas coisas que me faz feliz é estudar o que eu gosto, é um inferno para mim fazer qualquer coisa que eu não gosto, qualquer coisa que eu tenha um interesse mínimo, qualquer coisa que eu tenha um interesse bem baixinho eu já fico "Putá que pariu, que saco", eu prefiro tá fazendo o que eu gosto. Por exemplo, atualmente as únicas coisas que eu gosto de fazer é estudar sobre o que o grupo de pesquisa trabalha e paleontologia, fugiu disso eu já vou com um certo desgosto.

Qual a minha idade?

Eu tenho 22 ano

Onde eu moro?

Atualmente em Gravata, apesar de passar mais tempo em Vitória.

O que eu faço no meu tempo livre?

Nada, literalmente. O meu tempo livre é dedicado para nada, no máximo assistir um negócio ou ver uma besteira no YouTube e no Instagram, mas assim, eu no meu tempo livre não faço nada.

O que seria esse nada?

Nada é só ficar em casa e assistir, e mais nada. Eu não almoço, eu não janto, não faço nada, a única coisa que eu faço é beber água e assistir.

Como é meu gosto musical?

Vai depender bastante, vai depender muito. Eu acho que em relação a música eu diria que eu sou uma pessoa eclética, mas hoje em dia eu escuto muita música em inglês, mas aí virou costume. Mas quando estava crescendo eu gostava de escutar funk e vivia dançando funk no meio da rua com as minhas amigas, mas a partir do momento que eu fui me distanciando delas e entrando no ensino médio, meu gosto musical foi internacionalizando, mas acho que hoje em dia eu sou muito eclético, as músicas que eu mais escuto no hoje em dia é Tim Maia, Urias e Doja Cat.

Qual o gênero musical que eu mais escuto?

Acho que Rap, Pop e um “MPBzinho”

Qual é o meu hábito de leitura?

Não, quase nenhum na verdade. Eu sou uma pessoa que eu leio na base da obrigação. Esse ano mesmo eu li uns quatro livros, nenhum dos quatro foi algum que eu queria ler, todos foram livros que Ernani pediu para eu ler ou eram da seleção de mestrado. Apesar de ter uns 500 livros em casa de um gênero que eu gosto, que é de terror, eu não encontrei tempo agora para ler.

Com qual frequência eu vou ao cinema?

Nenhuma, eu fui uma única vez, mas meus amigos não levam em consideração que foi uma ida ao cinema, porque o único cinema que eu fui, foi lá no AABB, porque eu fazia parte de um projeto de assistência à crianças em vulnerabilidade social, aí lá ele tinha uma sala de cinema, e aí eles colocaram uma vez “Garfield 1” para gente assistir e ali foi a única vez que eu fui em uma sala de cinema, mas no cinema em si, cinema de Shopping é coisa do tipo, eu nunca fui na minha vida todinha.

Não fui porque não quis?

É mistura, eu não cresci com um consumo de filmes muito grande e hoje em dia os filmes que assisto... ficou “porra é melhor esperar sair nos sites piratas, na Netflix, ou alguma coisa do tipo. Eu prefiro ficar em casa assistindo do que sair de casa, pegar uma lotação, vir para Vitória, Recife ou Caruaru para assistir qualquer coisa, eu não me dou esse trabalho.

Frequento ou já frequentei teatro?

Nunca assisti... em Gravatá tem muitas peças por conta que tem muito gay. Tem muita apresentação de showzinho e coisas do tipo. Aí teve uma vez que eu fui ver uma apresentação da minha amiga Vitória, ela daqui também, e aí ela chamou a gente para a gente ver, mas ali foi uma das únicas vezes, e uma Paixão de Cristo ou outra lá em Gravatá também, mas só isso.

Com qual frequência eu viajo?

Nenhuma, todas as viagens que eu fiz foram pela UFPE.

Quais foram os lugares que eu fui?

Eu já fui para, tecnicamente essa não foi pela UFPE, mas eu já fui para Serra Talhada, fui para o Crato, Taquaritinga do Norte, fui para a Praia dos Carneiros, fui para alguns lugares, mas eu vou também para Buíque¹⁵ e vou para Pesqueira se tudo der certo.

Como foi as experiências das viagens?

Acho que todas foram bastante interessantes porque a maioria delas estavam mais longe do que ir para Recife, que foi a cidade mais longe que eu tinha ido antes da faculdade. Então foi interessante também porque todas elas culminou que foi com meu grupo seletivo de pessoas, então a maioria delas eu nunca tive que sair da minha zona de conforto, a não ser para Serra Talhada que foi com um grupo de pessoas que eu não tinha proximidade, mas todas as outras foram com pessoas que eu já conhecia e que já tinha a intimidade, então foi muito tranquilo.

Para Serra Talhada, como eu fui?

Fui contratado para ser monitor de um evento que estava acontecendo lá, aí eles pagaram tudo para mim e eu fui.

¹⁵ O local na verdade é Serrambi, mas na hora troquei o nome.

Frequência que eu assisto TV?

Nenhuma, eu não assisto TV desde dos meus 12/13 anos, e antes eu também não tinha a possibilidade de assistir, e aí virou costume, não vejo TV hoje em dia, não piso nem na minha sala na verdade.

Não vejo TV, mas assisto filmes e séries?

Assisto tudo pelo computador, nada de televisão.

Filmes, quais são os meus gêneros preferidos?

Terror, com certeza Terror, está no fundo do meu coração. Eu odeio filme de romance, gosto de uma comediuzinha mais uma comédia, mas assim, uma comédia de Infância, tipo “todo mundo em pânico”, não tem um outro filme de comédia que eu assista a não ser “todo mundo em pânico”, “Deu a louca em Hollywood”, “os super-heróis”, que é aquela imitação do X-men. Eu só vejo esse tipo de filme de comédia, mas todos os outros filmes são filmes de terror.

Quais são os meus filmes favoritos?

“Olhos Famintos” com certeza absoluta, “O grito” e a saga de invocação do mal, Annabelle, eu gosto quando o demônio está envolvido. O que eu mais gosto é só de terror, mas outro que eu gosto é “todo mundo em pânico” e é só.

Qual frequência que eu acesso a internet?

Todo santo dia, todo momento, 24 horas por dia, a não ser quando eu to dormindo.

Qual o conteúdo?

Normalmente, YouTube, to numa fase agora que eu tô adorando ver vídeos de gente reagindo a alguma coisa, principalmente notícia. E aí eu tô vendo muito o canal de um cara chamado Mount, e eu reajo ao vídeo dele reagindo a um cara que faz comentários sobre a vida dos outros, que aí é o Jean Luca. Acho que a minha vida todinha agora, de internet está saindo assistir *react* no YouTube.

Rede social?

Não vou dizer a única, porque também uso o Whatsapp, mas a única que eu uso é o Instagram

E para estudar?

Para estudar o único lugar que eu vou é para o Whatsapp, porque eu não sou uma pessoa muito boa de falar por mensagem, então eu não tenho basicamente um whatsapp pessoal, eu tenho dois número, um pessoal e outra pra faculdade, mas eu não uso ele, acho que devo ter salvo o contato de 3 pessoas naquele número e eu só uso o da faculdade.

Já morou em outro lugar?

Sim e não, porque tecnicamente até os meus dois anos eu morava na zona rural de Gravatá não morava na cidade em si, aí com mais ou menos um ano e meio dois anos eu fui morar na cidade de Gravatá para minha mãe.

Moro só ou com meus pais?

Eu moro só com a minha mãe e o namorado dela, e meu cachorro.

Como é a relação com a minha mãe?

Acho que é melhor do que a da maioria das pessoas, mas tão conturbada quanto. É porque minha tem uma personalidade muito única dela, ela é uma pessoa que nunca gosta de tá errada, e eu não gosto está errado, daí junta eu e ela em uma mesma discussão e nunca dá certo. Mas acho que eu e ela, a gente tem uma relação a mais além de mãe e filho, a gente tem uma relação de codependência, principalmente dela e de irmandade. Eu acho que eu converso muito bem com a minha mãe, eu que ensino a minha mãe as coisas, porque ela não estudou nem nada, mas aí eu ensinei ela a coisas e a gente fala muito abertamente as coisas, principalmente a vida sexual dela.

Como é a minha relação com o namorado da minha mãe?

Quase nenhuma, nula, negativa, quase abaixo do zero.

Mesmo morando no mesmo ambiente?

Sim, eu nunca gostei dele, ele nunca gostou de mim, aí tem um coletivo de coisas que eu imagino, hipotético sobre isso. Desde muito novo eu sempre fui uma criança viada e hoje em dia isso se reflete. Ele é aquela pessoa tipo, que é homofóbica, mas ela não é homofóbica na sua cara e aí ela fica ali, sondando só, só que daí, minha, ela tem uma necessidade de estar cercada de pessoas, então ela pulou nesse relacionamento dela com "*****"¹⁶, que é o nome dele, tipo assim, três

¹⁶ Nome do parceiro

semanas que ela conheceu ele e já convida ele para morar com a gente.

Ele é uma pessoa muito assim... ele acha que ele é o dono de tudo e de todas as coisas possíveis, ele é o típico macho que acha que é dono das coisas, por exemplo, eu e mainha morava em uma casa, que era uma casa bem simples lá no centro de Gravatá. E aí ele morava assim, num cubículo, assim no quinto dos infernos de Gravatá, porque ele tinha se separado da ex-mulher dele, aí a casa deles ficou para a mulher dele e etc. Ele é alcoólatra também, esse é outra problemática que eu tenho com ele, porque toda vez que ele bebe, todos os problemas dele ou discussão, é voltada para mim, porque eu sou a única pessoa lá em casa que bate de frente com ele, mainha tenta bater de frente, mas mainha fica mais na dela, mas mainha também é uma pessoa que gosta encher o saco dele, e enche meu saco também. Porque é mainha enchendo o saco dele de um lado, aí os dois começam a discutir, e no final a discussão consegue vir para mim.

Desde dos meus 12 anos, quando ele foi morar com a gente, eu sempre fiquei no meu quarto ou sempre fiquei na na escola, porque eu estudei em tempo integral, então a gente meio que ficou distante, só que daí ele tem um vício que ele sempre consegue fazer com que a discussão volte para mim. Atualmente ele acredita que se eu e mainha, que a gente saiu da casa que a gente tava morando, para a casa que a gente tá morando, que é melhor do que a caa que a gente tava morando antes, é por conta dele, sendo que mainha e ele dividem o aluguel da casa, as despesas da casa, eles dividem juntos, só que de acordo com ele quem fez a gente sair daquela casa que a gente tava morando foi ele e é tudo por conta dele, então a gente deveria ser grato a ele, sendo que é os dois que pagam as despesas da casa, se brincar mainha ainda paga mais.

Assim, eu fico incrédulo, porque eu não posso mais discutir, eu já me estressei o suficiente, e é uma coisa que eu já falei com minha psicóloga, eu já não tenho cabeça para defender mainha para nada, porque eu já falei com ela, já discuti com ela, varias e varias vezes. Nesses 9 anos que ele está com a gente, se eu troquei com ele mais e 10 palavras foi muito, assim, sem ta em uma discussão, porque em discussão já foi mais de 10 com certeza, e tudo xingando ele e etc, gritando e coisas do tipo... Porque eu sempre tenho que defender ela dele e me defender também, porque ele diz que eu só consegui chegar na ufpe por conta dele, que só faço faculdade por conta dele. Só que antes de eu conseguir o auxílio da universidade, quem pagava minha van era mainha, nunca foi ele, e depois do auxílio da universidade quem paga minha van sou eu, ele nunca pagou... ai ele fica dizendo que eu só consegui a faculdade por conta dele, e eu sou uma pessoa que me irrita com muita facilidade, e isso me irrita de uma maneira gigantesca.

Hoje em dia minha relação com ele é de que somos dois seres que habitam o mesmo lugar, mas que a gente não troca nem um bom dia, e isso é de forma proposital.

Como minha mãe reage a esses conflitos?

Ela é uma pessoa que é indecisa e que tem essa dependência emocional com ele, então na maioria das vezes que ele começa a me xingar, mesmo eu não trocando nenhum tipo de conversa com ele, ela se intervém ali no meio ela começa a falar e etc, que é para ele ficar no conta dele que eu fico no meu canto e que eu nunca discuto com ele e nada do tipo, e é sempre ele que volta nessa tecla para vir discutir comigo. Mainha fica lá... ela reage mas tipo, mas dá um dia ou dois que aconteceu e depois volta tudo ao normal. Por exemplo, existe um ciclo que acontece nos meus grupos de pessoas que são próximas a mim que eu sempre falo, porque assim, já virou um costume, toda vez que ele bebe vem algum tipo de briga para cima de mim. Tem umas brigas mais pontuais que elas se escalam, e é nessa escala que mainha fala “aí não vamos mudar, vou separar dele”... aí no outro dia minha “ agente vai procurar uma casa para a gente se mudar”. Aí eu toda vez por conta disso tenho que ir lá no grupo dos meus amigos e pergunta da “gente, vocês são daqui de Gravatá, que moram em diferentes lugares, se vocês souberem de uma casa para alugar, vocês me avisem que Mainha falou isso, isso e isso”, aí dá dois disso, não se muda mais. Nessa palhaçada de mudar, de se mudar, acho que a gente já tá com ele há 9 anos.

Sobre o meu pai:

Meu pai foi assassinado quando mainha ainda estava grávida de mim... porque eles moravam no sítio antes de se mudar para cá, eles moravam no sítio e tinham a vida deles no sítio. Só que, a família da minha mãe não queria que ela namorasse o meu pai, e aí ela fugiu quando ela descobriu que ela tava grávida de mim, ela fugiu para morar com ele, aí nesse meio tempo a família dela tentou fazer ela perder o bebê, que no caso seria eu... é... tipo quando ela fugiu para morar com ele, meu pai era caseiro de uma fazenda lá na região de Gravatá. E aí com isso, de vez em quando ele saía para ir para Recife para receber o salário dele, mainha ficava tomando conta da Fazenda, aí de vez em quando, mainha me disse que os irmãos dela iam lá para tentar assustar, e ameaçar para ver se ela voltava para casa.

Ela disse que teve um dia aqui ela tava sozinha lá na casa e eles começaram a bater nas coisas do lado de fora para bater na porta, ficou lá batendo na porta, falando um monte de coisa para fazer com que ela perdesse o bebê por medo. Aí teve um dia - meu pai gostava de beber, e ela disse que isso nunca foi um problema para ela - que ele foi visitar o meu avô por parte de pai, que é o pai dele, que morava na região e ele foi a pé e nesse meio do caminho o meu avô por parte de mãe, ou seja o pai da minha mãe, e os irmãos dela, uns quatro, encontraram ele no meio do caminho e espancaram ele até ele morrer, aí um vizinho da região sabia que era meu pai estava sendo espancado pela família da minha mãe, e ele foi lá correndo para chamar minha mãe, aí minha mãe ela foi até lá, onde meu pai tava, aí chama o SAMU... não chamou um carro, esse carro levou ele e ela para o hospital, mas ele morreu no hospital uns 20 minutos que ele deu entrada no hospital. Desde

esse momento sempre fui eu e ela, e depois que meu pai morreu, a minha mãe foi morar com a família do meu pai durante um curto período de tempo, e é uma família que não presta também.

Qual era a idade dos meus pais na época?

Mainha disse que meu pai morreu com 29, alguma coisa assim, e ela tinha 17 para 18 anos de idade.

Como é a história da minha mãe quando ela foi morar com meus avós paternos?

Como mainha não tinha mais para onde ir, ela foi morar com o meu avô e a mulher dele, porque ele já tinha se separado da minha avó. Lá ela (minha mãe) ficou até eu nascer, mas mainha dizia que ela não foi para lá como nora do meu avô, mas como uma empregada e a pessoa que tem que tomar conta dos filhos dele com a mulher dele que tinha 5 ou 6 crianças, alguma coisa assim, e nesse meio tempo mainha criou uma certa intimidade com uma das filhas dele, a Vanessa, que por coincidência tava namorando com um primo de mainha, só que daí devido ao assassinato do meu pai ficou com essa rixa entre as famílias, e aí a Vanessa confessou a mainha que ela tava namorando o primo dela e etc. e um dos irmãos escutou as duas e cabuetou tudo isso para a mãe dela, e a mãe dela deu uma sentença para o meu avô, que ela não queria a filha dela tendo relação com uma família de assassino, no caso a família da minha mãe, e expulsou eu e mainha da casa dela e nesse período que eu já tinha nascido. Entretanto, até eu nascer mainha dizia que lavava as roupas deles, e como eles moravam no sítio, não tinha água encanada nem luz, nem nada do tipo, e aí mainha que lava toneladas e toneladas de roupa, fazia um monte de serviços braçais enquanto ela tava grávida.

Depois que eu nasci, a gente ficou lá durante um tempinho, até esse irmão falar para a minha “avó”, ela deu essa sentença no meio da noite, porque eles trabalhavam fora durante o dia e quando chegou a noite ela soube disso, e na hora ela deu essa sentença, se era mainha ou ela e meu avô expulsou eu e mainha da casa dele no meio da noite, no sítio. Daí a gente foi morar, por mais ou menos duas ou três semanas em um sítio vizinho, que era de um senhor (de idade) e mainha é muito grata a ele, porque ele tinha uns 20 filhos para cuidar e não tinha basicamente comida e ainda sim ele cedeu a casa dele para ela ficar durante um tempo.

A família do meu avô foi uma família assim, eles me viram 2 vezes na minha vida depois da situação, porque mainha ainda assim faz com que eu fosse visitar meu avô e ficar com ele durante as férias. É uma família que eu não considero da minha família, acho que são parentes, pessoas que estavam ali e fazem parte desse desse ciclo da vida dela, mas ela do que minha, mas família do meu nunca foi uma família muito boa não, para os dois lados sempre foi uma desgraça.

Porque a família da minha mãe não gostava do meu pai?

Acredito que por conta do meu pai ele ter 29 anos de idade, ele tinha 29 anos de idade e minha mãe tinha, quando conheceu ele, 16 para 17 anos de idade, que eu acho problemático. Acho que eles não queriam também porque era década 90, a família deles era muito conservadora, e o meu avô não era o flor que se cheira. Minha mãe me disse que ele era pistoleiro, então ele matava as pessoas sem pensar duas vezes ele era muito agressivo, ele já tentou matar a mulher dele, que é minha vó, ele deu uma “estrovengada” na cabeça dela, ela levou 15 pontos ou alguma coisa assim, e continuou com ele, ele começou a dar tiro no filho dele por conta de um sabonete. Eles eram extremamente pobres, e um dos irmãos mais velhos de minha mãe comprou um sabonete e disse que era apenas para ele tomar banho. Nessa minha mãe e um irmão dela, foram pegar o sabonete para tomar banho, eles eram pirralhos e quando ele chegou e viu essa situação, dos irmãos mais novos com sabonete dele, ele se estressou e começou a brigar com os irmãos mais novos. Daí quando meu avô viu isso, e ele estava bêbado ou alguma coisa do tipo, ele tirou a revolver da cintura e começou a disparar tiros em direção ao filho dele, e isso tudo por conta de um sabonete.

Minha mãe me disse que quando ela fugiu da casa dos meus avós, os pais dela perseguiram ela no meio do mato e ela sabia que ela estava grávida, a família também sabia que ela estava grávida e ela saiu correndo fugiu da casa dela, no meio do mato, ela se escondeu meio do mato, das bananeiras. E nesse dia específico ela foi para a fazenda, mas nessa fazenda não tinha ninguém, nem meu pai estava lá, e ela dormiu dentro de um banheiro, ela passou a noite dentro do banheiro dormindo lá para responder da família dela.

O que eu sei mais sobre o meu pai?

A única coisa que eu sei é que ele trabalhava e minha mãe gostava da relação que ela tinha com ele. Minha mãe fala até hoje que meu pai era o grande amor da vida dela e ela se pega pensando nisso até hoje, mas é só isso mesmo como ele morreu e nem nascido ainda eu tinha, eu cresci com outras pessoas e outras representações de pai na minha vida, então não sei muito, o pouco que eu sei é mais como ele chegou a morrer do que qualquer outra coisa.

Quais são as minhas representações de pai?

Durante esse processo de minha mãe estava na casa desse senhor que cedeu a casa para a gente quando a gente foi expulso da casa do meu avô, minha mãe ficou lá umas 3 semanas e quando minha mãe saiu de lá, minha mãe foi morar em Gravatá. Quando ela foi morar em Gravatá ela conseguiu um emprego e a casa de uma senhora para morar, e na casa dessa senhora minha mãe trabalhava lá, trabalhava na casa e fora de casa, mas sempre como empregada doméstica ou coisa assim do

tipo. E aí mainha ficou lá algumas vezes e depois se mudou da casa né, saiu da casa, até porque mainha também era uma criança quando ela me teve, e ela disse que discutiu com a filha desse casal que cedeu a casa para ela, na casa deles no caso.

Aí de lá mainha saiu para casa de outra senhora chamada “****” e lá mainha ficou até próximo dos meus dois anos, aí nessa casa mainha também eu trabalhava, trabalhava em um SPA junto com a dona da casa que eu e ela morava, que a gente tava morando. Aí nessa casa mainha trabalhava com uma faxineira, cozinheira, empregada da casa todinha para poder morar lá com eles, e também trabalhava no SPA junto com a mulher. Mainha dizia que ela pagava de 5/4 horas da manhã na casa em si, porque ela tem que cozinhar para todo mundo, fazer a faxina e etc. e quando eles se acordassem eles já terem o que comer e tá tudo pronto e etc. Da-lhe as duas iam juntas para o SPA lá em Gravatá, e lá elas trabalhavam até umas onze horas e quando chegava em casa ela voltava trabalhar, porque daí ela tinha que lavar os pratos, lavar roupa e etc, porque os filhos da casa, que tinha três, duas meninas e um menino, eles três não faziam nada na casa e marido também não fazia nada.

Mainha ficou nessa configuração até mais ou menos os meus dois anos. Até que um dia mainha - mainha tinha sido demitida do SPA, se eu não me engano - ficou como empregada doméstica dentro da sua casa, que era a moeda de troco para a gente morar, daí teve um dia que ela ficou nessa casa sozinha com o marido dessa família, porque a mãe e os filhos tinha ido comprar uma coisa na rua, fazer feira alguma coisa assim, e ele é uma pessoa que sofreu um acidente de carro e a pessoa com deficiência física, e pediu uma perna dele e aí ele ficava muito retido na casa, apesar dele ter uma prótese da perna, ele não sai para caminha por aí... então ele ficar nessa casa, aí ele ofereceu, em troca de sexo, ele ofereceu para mainha shampoo e coisa do tipo, porque a gente era realmente miserável, não tinha onde morar, não tinha nada, então ele acha que podia compara mainha minha com uma cesta-básica.

E aí quando a família chegou, mainha contou que ele tentou assediar ela e ele tentou comprar ela, é aí teve briga, confusão, discussão e etc. Aí o marido deu uma sentença “ou é ela ou é eu”, e aí essa mulher resolveu ficar com marido, e expulsou eu e mainha da casa dela, só que ela lembrou que ela tinha um irmão que não tinha ninguém, era sozinho, vivia só, morava sozinho, e aí mainha como não tinha para onde ir, o Conselho Tutelar também ficava atrás dela porque ela era menor de idade - tinha 17 para 18 anos ou tinha acabado de fazer 18 anos-, não tinha para onde ir, não tinha onde morar. Nessa de não ter onde morar foi que ela aceitou morar com irmão dessa mulher, que ele morava em uma oficina que ele alugava, aí essa casa/oficina era dois cômodos basicamente, dois cômodos e um quintal, que era um corredor, que lá hoje em dia, eu acho que eu não passa de frente.

Lá pelos meus dois anos a gente foi morar com ele, e ele era uma pessoa extremamente mesquinha, fazia eu e ela passar fome por livre e espontânea

vontade, a gente foi morar com ele porque não tinha mais para onde ir e ele foi a primeira figura paterna que eu tive. Aí eu cresci com ele até os meus 10/11 anos de idade, aí a gente ficou nessa configuração, só que era uma pessoa também que, ele é obrigado a gente ir para igreja, se a gente não fosse para a igreja eu e ela apanhava, ele deixava a gente passando fome - porque mainha não tinha um emprego o fixo, o emprego que mainha tinha nesse meio tempo era a faxina e muitas das faxinas eu fui fazer com ela, quando eu era pequeno essa era umas das minha maiores diversões, fazer faxina com ela lá nos prive de Gravatá.

Daí a gente ficou morando com ele durante uns dez anos, e nesse período ele quebrou a pia dessa casa, porque tipo era dois cômodos, era um cômodo que sei lá era menor do que a sala que eu estou, e aí esse era o cômodo principal da casa, que seria a sala, cozinha e tudo junto, e do lado tinha uma garagem que era desse tamanho desse cômodo principal, só que daí ele consertava máquina de lavar e fogão, e os nossos armários e etc. era tudo máquina de lavar empilhada a gente morava nessa oficina. E aí a nossa casa em si era essa garagem que acoplada é esse cômodo. redor eles dois

Aí nessa casa a gente tinha um armário de parede que era feito totalmente de alumínio e ele é laranja lembranças, e era nele era que a gente guardava a nossa feira ou a nossa comida, e ela era normal assim como todas as outras móveis era as máquinas de lavar que ficavam empilhadas e cercava a gente, e gente dormia, cozinava, nossa sala de estar, nossa sala de jantar era tudo nesse único cômodo dividido com as máquinas de lavar e os fogões, aí o outro cômodo do lado servia basicamente como a área onde mainha lavava os pratos, porque tinha uma pia e um monte de máquina de lavar, daí mainha nunca lavou roupa na mão quando a gente morava com ele, porque era máquina para um caralho e nas rodagem de testes a gente sempre lavava as roupas da gente. O banheiro nessa casa era aquele banheiro que era tipo só um buraco no chão que tem a encanação, o banheiro da gente era aquilo e era basicamente isso, o chuveiro da gente ficava no quintal, na frente da porta para o banheiro, que ficava no fundo desse corredor, micro corredor/quintal, e aí na frente ficava o chuveiro que não tinha telhado nem nada, era só aberto para o céu - quando tava chovendo era uma delícia tomar banho ali ele vai tomar banho. E aí a gente tinha um tonel bem grandão e a gente fazia o seguinte, quando ele quebrou uma pia, porque ele tava com raiva, estressado e ele deu um tapa na pia e quebrou, a gente virava a tampa ao contrário aí ficava parecendo uma Cuba e a gente tinha uma torneira, e era essa torneira que a gente usava para lavar os pratos, escovas os dentes e etc. E o quintal, tinha do lado, porta, mais um pouquinho indo para fachada da casa tinha acho que 1 m de profundidade de quintal que a gente usava bastante para estender roupa, mas estendia roupa do lado de fora da casa e na lateral da casa era um beco e tinha umas outras casinhas.

A gente ficou morando ali durante muito tempo, ele foi responsável por quebrar meu braço, por deslocar o meu braço, porque ele empurrou da janela que tinha nessa parte dava para o chuveiro. Ai um dia ele brigando comigo quando era criança, eu tinha menos de 10 anos, ele me empurrou da janela e quando ele me

empurrou eu caí e desloquei um abraço. Ele já deslocou meu braço, já deu nela, a gente nessa situação. Em relação a comida a gente fazia o seguinte, ele comprava e ele dava para mainha dez reais, e come esse dinheiro mainha tinha que ir para feira, de fruta e verdura, e ela comprar aquelas sacolinhas que vem cebola, pepino tomate... e essas era as verduras que mainha tinha que usar. Ele mandava mainha comprar dois reais de charque e um quilo de arroz, e esse charque, esse quilo de arroz, essas verduras tinha que durar a semana todinha porque era o almoço da gente da semana toda.

Para o jantar ele o seguinte, ele ia todo santo dia ele ia no soberano Gravatá. E lá no soberano, o soberano vende uns pratinhos de galinha assada, ele sempre comprava coxa de galinha. E depois o que ele fazia, ele comprava essa coxa de galinha, pão e comprava uma sopa de Yoki, essas sopas desidratadas que era só por água. E aí a gente comia essa sopa era o jantar da gente, era sempre sopa ou cuscuz, e ele ia no supermercado todo santo dia para fazer isso, ele não deixa a gente fazer isso, ele não dava dinheiro, porque ele achava que a gente ia gastar o dinheiro dele e comprar besteira. Aí o que eu e mainha fazia quando ele não estava em casa, porque como ele consertava máquina, ele sempre tinha aqui para Recife para comprar peça, e aí quando ele passava o dia fora, a gente pegava um cofrinho que ele tinha, porque ele obrigava a gente ir para a igreja, aí o cofrinho era em formato de igreja e ele era de madeira, aí o que a gente fazia, a gente pegava um martelo e abria o telhado da igreja e pegava o dinheiro que tinha dentro, o dinheiro de papel, que ele costumavam colocar dinheiro de papel, e íamos ao supermercado comprar coisa para a gente comer.

A gente fazia o seguinte, mainha, ela sempre mandava eu ir no mercado, mas quando eu era criança eu morria de vergonha de ir, aí o que mainha fazia, ela me dava tipo três reais, e esses três que a gente conseguia pegar, para não ficar na cara que a gente pegava dinheiro de lá, mainha mandava eu ir no supermercado comprar dois reais de mortadela e compra o resto de miojo, e aí o que eu fazia né, quando eu chegava no Supermercado a pessoa que tava na balcão da mortadela fazia o seguinte “deu R\$ 2,05, Deu R\$ 2,10 pode ser?”, e eu claro pode ser, aí eu tava se eu comprar 4 miojos vai dar X reais e esses a ser suficiente para pagar os R\$ 2,00 da mortadela, mas quando não dava eu pegava a mortadela, andava dentro do supermercado e deixava mortadela em uma das Prateleiras e ia em outros mercados. Nesse novo mercado, mandava pesar de novo, pegar R\$2,00 de mortadela, e eu fazia isso 2 ou 3 até dá R\$ 2,00 certinho, porque mainha sempre me dava o dinheiro contado, aí fazia isso, hoje em dia mainha morre de rir com isso.

E aí outra coisa que eu também fazia era - porque como a gente via muito de miojo, macarrão e toda vez que a gente comprava miojo ou sopa eu misturava com farinha de mandioca, fazia durar duas vezes mais o prato. Toda vez que eu comia Miojo, a gente não podia comer 2 miojos, porque ai ja era duas refeições, aí o que eu fazia, pegava o miojo, colocava farinha, antes ou depois, ou primeiro eu comia o macarrão do miojo e colocava farinha no caldo, e comia o caldo com a farinha, ou já colocava tudo junto, a farinha e macarrão do miojo e fazia essa grande massa e

comia junto com essa mortadela, eu sempre fazia isso. Ou a gente comia muito macarrão, o macarrão sem molho, sem nada, a gente só colocava o macarrão na água, cozinhava e assava um ovo e esse era o almoço da gente, e por muito tempo era isso que a gente fazia. Só que, teve um momento que mainha tava pegando faxina com uma certa frequência e tinha aberto um restaurante “self service” na frente da casa da gente, aí o que mainha fazia, a gente pegava uns 10 reais, pegava uma vasilha, porque você podia usar sua vasilha para fazer a marmita, e a gente pegava e vendia o almoço para mim e para ela, e a gente fez isso durante um tempo, isso já perto do final do relacionamento dela com esse primeiro marido “oficial”

Durante um desses momentos de faxina que mainha fazia, teve uma senhora que “deu” um emprego para ela, e com esse emprego e um salário fixo mainha conseguia agora bancar a casa que a gente morava, que era R\$ 200 o aluguel, na época era muita coisa, mas ainda assim barato em relação às outras casas, R\$ 200 e mainha recebia vale alimentação e recebia vale transporte, e mainha sempre morou perto do trabalho dela. Com isso mainha se separou desse primeiro cara, a gente ficou com ele esses 10 anos e perto do final dos 10 anos mainha conseguiu esse emprego que deu a independência financeira para ela separar. Mas aí com um intervalo de um ano, mainha teve um namorico com um cara e depois encontrou “*****”, e com 3 semanas no máximo colocou ele para dentro de casa, daí a gente ficou no máximo um ano só eu e ela, e depois entrou nesta segunda figura, mas eu já era uma criança crescida, com meus 11/12 anos, mas não era mais uma figura paterna, era mais uma figura estranha que entrou nessa configuração.

Todas as minhas relações com os namorados da minha mãe foram conflituosas?

A primeira nem tanto, como a gente foi morar com ele eu tinha 2 anos de idade, ele virou essa figura paterna e eu chamava ele de pai e etc., mas eu sempre soube que ele não era meu pai, mainha sempre deixou isso muito claro, e sempre teve esses conflitos mais pontuais de briga, mas essas questões de fome, de ser obrigados a ir para igreja, eram tão presentes durante a minha vida todinha que para mim não era um conflito, era mais o normal, nunca tinha encarado ela como algo conflituoso entre essa relação minha com ele, era mais uma rotina que eu e mainha tínhamos que seguir para tá ali.

Com “*****” que virou uma rotina de conflitos, como ele também é alcoólatra e inseguro em relação a si mesmo, sempre as coisas voltava para mim, então eu não encaro a primeira como conflituosa em comparação com a segunda.

Qual a igreja que eu era obrigado a ir e minha relação com ela?

Era a igreja Adventista do Sétimo dia, e eu só participava das atividades por que eu era obrigado. Na Adventista, a partir das 6 horas da tarde da sexta-feira a

gente não pode fazer mais nada, e das 6 horas da tarde do outro dia ,que daí é o sábado, que a gente pode fazer alguma coisa, então na sexta-feira sempre tem algum tipo encontrou ou de micro culto, que acontecia na casa de uma senhora próxima, e foi lá que eu tomei os melhores chás e bolachas da minha vida, e a gente vivia indo para casa dessa senhora que era próxima da nossa. No sábado de manhã, 8 horas, 7 horas, a gente já tava na igreja, aí tem uma pausa de almoço, que a gente volta lá para casa e comia, e voltava para igreja de noite ou final da tarde a gente tava saindo e voltando, e no domingo também, mas no domingo era sempre a noite e não de manhã. Nessa igreja eu nunca me importei com que estava acontecendo porque eu nunca fui para igreja com o pensamento de eu gosto de ir para igreja ou estou indo porque eu quero encontrar Jesus, eu sempre fui por estar sendo obrigado, aí então eu vou fazer um mínimo de esforço possível. Eu nunca fui uma pessoa que gosta de ler a Bíblia e nunca gostei de escutar pastor falando merda nenhuma, e naquelas escolinhas para criança eu sempre fiquei lá parado fazendo nada, ou pintando ou fazendo alguma palhaçada, mas eu nunca prestei atenção. Eu fiquei “sendo” Adventista até minha separar, depois nenhuma igreja, a única igreja que depois fui, foi com minha porque uma amiga dela tá me enchendo o saco dela para ela ir para igreja com ela, que foi a Igreja Católica a matriz de Gravatá, mas foi só para um missa e depois nunca mais, até porque minha também nunca foi uma pessoa que gosta de ir para a igreja, a igreja sempre foi algo difícil para mim e para ela, nunca foi algo genuíno, e minha sempre achou uma falta do que fazer, ir para a igreja, e quem fica enchendo o saco dos outros para ir para igreja era porque não trabalhava, porque o sábado era um dos dias que ela mais conseguir faxina para trabalhar, então ela não poder trabalhar no sábado sempre foi algo que encheu o saco dela. Minha nunca gostou da igreja de forma nenhuma, e hoje ela não é vinculada à igreja, mas é cristã, já eu sou totalmente o oposto, sou totalmente/extremamente ateu.

Mainha ainda mantém contato com a família do meu pai?

Assim, a família do meu pai ela só vem falar com minha por conta do emprego dela, porque mesmo sendo empregada terceirizada, como servente, eles sempre acham que minha vai conseguir uma vaga para eles falarem com os promotores ou vão ser atendidos mais rápidos, então qualquer tipo de problema judicial eles vão atrás de minha e lembram que tem um neto, mas só vão atrás dela para pedir ajuda etc. A família do meu avô materno, a família dele todinha fugiu de Gravatá, porquê... isso é uma teoria da Conspiração de minha, quando o meu pai morreu e eu fui nascer, minha disse que eu fui nascer no dia que tava tendo o julgamento do meu avô, quando estava tendo julgamento do meu avô ela não pode depor contra ele, então ele ficou um ano preso ali e depois ele foi solto, e aí na feira lá de Gravatá ele foi assassinado e minha disse que é por conta da família do meu pai que mandou matar ele, e aí a família de minha toda fugiu, porque o machão e a cabeça da família, que era meu avô tinha morrido e então eles fugiram com medo,

venderam tudo e deixaram mainha com a mão abanando e fugiram para Minas Gerais.

A família dela tentou entrar em contato com ela, uma sobrinha aleatória, tentou entrar em contato com mainha para conversar com ela etc. Entretanto Mainha tem um rancor com a família dela e mandou se foder, a menina ficou chorando e daí nunca mais tentaram entrar em contato com ela. A única família fora do núcleo familiar realmente minha, que eu e ela teve um contato maior foi um meu irmão meu, que ele mora em Gravataí, eu tive um certo contato durante a infância, mas eu não tive um contato muito próximo de amizade e ele é mais velho que eu então sempre teve essa distante. Mainha não mantém contato com ninguém da família, nem minha nem a dela.

Já com a família do meu primeiro padrasto mainha tem uma certo contato porque porque são 10 anos que mainha viveu ali, e nesses 10 anos mainha se tornou muito amiga de uma cunhada dela, porque a família dele, do primeiro marido de mainha tem nove irmãos, e aí várias cunhadas no meio do caminho, várias mulheres dos irmãos no caminho, e tem uma específica que mainha teve uma certa proximidade etc. mas se distanciaram com o tempo,mas acho que a única pessoa que ela tem contato ali daquela família essa mulher.

Tenho contato com essas pessoas?

Não tenho nenhum, não dou nem “Bom dia”, nem com as famílias anteriores nem com o do atual de mainha. O atual de mainha, ele é uma pessoa bem distante, eu não quero trocar nem um bom dia com ele, e com a família dele muito menos. Já mainha, ela tem um certo contato com uma irmã dele em específico, mas deve ser porque mainha trabalha com ele às vezes, mas nenhum contato do tipo dela irá visitar a pessoa.

A única família que mainha tem aqui e que a gente mantinha um contato era com a tia avó de mainha,que o nome dela era “*****”, mas ela morreu, já tinha 86 anos quando morreu, e ela morava lá Cruzeiro, em Gravataí. Aí como ela era uma senhora de idade já, mainha tinha um certo afeto com e a gente ia visitar de tempos em tempos, mas depois que essa tia morreu, não teve contatos maiores não.

Qual foi o processo de escolarização da minha mãe?

Mainha teve na infância dela o contato com uma escola que tinha lá na zona rural, mas foi um contato com a escola bem breve, quando ela tinha 6 anos 8 anos alguma coisa assim. Os pais dela, principalmente pai, ele não acreditava em Educação, para ele era assim... era coisa de vagabundo e que para ser uma pessoa decente tinha que ta trabalhando. Mainha começou a trabalhar com 6/7 anos de idade na lavoura, q aí a mãe dela tentou convencer ele de alguma maneira a colocar essas as crianças na escola, aí ficou lá três meses alguma coisa assim na escola, e depois disso ele viu que sem a mão de obra barata, não dava conta, aí ele

tirou todo mundo da escola, aí durante a infância esse foi o único contato que ela teve.

Mainha veio voltar a estudar quando ela tava com o primeiro marido dela, que aí ela foi lá no “nome da escola”, e estudou até a quarta série do EJA. Mainha tá muito próxima de ser analfabeta, eu não sei como ela conseguiu chegar na quarta série, e aí até hoje ela tentou mais uma vez depois, mas aí a correria de trabalhar não deixou, ela tem uma jornada dupla/tripla de trabalho, ela tem o trabalho oficial dela na promotoria, aí em casa, o namorado dela não faz nada e é uma pessoa extremamente bagunceira, daí ela tem que arrumar a bagunça dele, e ela ainda trabalha nos fins de semana com ele no box, de açougue, porque ele é açougueiro, e aí ela vai lá ajudar ele.

A escolaridade dos padrastos?

Do primeiro marido eu não faço a mínima ideia, mas ele sabe ler e escrever, e o “*****”, ele tem a mesma escolaridade que mainha, que é o fundamental 1 incompleto. E meu pai também não tinha escolarização, era analfabeto.

Inclusive essa escolarização dele, do “*****” Sempre foi um motivo de inveja dele, porque mainha sempre vem até mim para resolver qualquer problema, qualquer dúvida que surgir, e por ela vir até mim ele se sente inseguro ou inferior. Daí ele pega essa informação e quando ele bebe ele joga isso para cima de mim.

Como era a casa onde eu e mainha moramos?

É um grande corredor, ela tem uma sala, aí o corredor, e nesse corredor tem o meu quarto, o quarto dela aí tem uma leve corzinha, uma cozinha minúscula, um quintal enorme e tem o banheiro do lado da cozinha. É aquela casa que só tem o telhado, não tem forro, nem nada, então tinha uma luz na sala, que ela ficava em cima da parede, ela ficava com a luz no meu quarto e na sala, então tinha que ligar a luz da sala para iluminar o meu quarto. Tinha uma luz no quarto de mainha, uma na cozinha e uma no banheiro.

Como é a minha casa atual?

Comparada às outras parece uma mansão, é uma casa que fica em cima de uma bomboniere, aí é primeiro andar, forrada, toda com cerâmica, parede pintada, quintal, tem três quartos, tem um terraço, varanda, foi um upgrade.

Como era meus amigos na minha infância?

Como eu morei toda a minha infância, ou quase toda, em um único lugar, antes de ir morar no pátio da feira, e o lugar era uma rua sem saída, se criou uma pequena comunidade ali, então todas as crianças brincavam umas com as outras.

Eu tinha duas amigas que eu vivia na casa delas, almoçava lá de vez em quando, a gente ficava brincando, dançando funk nesse beco da casa em que eu morava. A gente também “invadia” um terreno que tinha do lado, fazia guerra de fruta, cabana e toda essa palhaçada de criança. Mas o que seria guerra de fruta? Nesse terreno tinha um pé de carambola imenso, e como tinha muita fruta, algumas caíam no chão, e o que a gente fazia? A gente fazia o seguinte, ficava um pessoal no chão e o outro subia na árvore, o pessoal do chão usava as frutas do chão e o pessoal da árvore usava as frutas da árvore, e ficava no pé de carambola e tinha que jogar nas crianças que estavam embaixo. Inclusive teve uma vez que bateu no olho de uma criança menor que a gente na época, daí um menino jogou uma carambola e bateu no olho dessa criança, daí ele começou a gritar bem muito, a gente pensou que ele tinha ficado cego, depois veio a tia dele gritar com os meninos que tinham jogado a fruta nele, mas a gente já tinha avisado como era a brincadeira, mas como ele era uma criancinha, ele ainda sim queria brincar. Mas ali eu tive uma infância boa.

Ainda mantenho contato com eles?

Não, apesar de ter sido uma infância boa, foi uma infância que não durou muito tempo, porque eu fui ficando maior, entrei no ensino médio, que era integral, tinha começado a fazer PGM¹⁷, daí eu saí de casa 7 horas e voltava 6 horas da noite, daí o pouco tempo que eu tinha eu tinha que tá comendo, fazendo tarefa ou dormindo.

Lá para os meus 13 anos a gente já foi se distanciando, quando eu fiz os meus 15, se não me engano já tinha me mudado para a outra casa, daí como eu já não tava nesse mesmo espaço, também teve amigas que se mudaram e etc. porque a região que a gente morava era região de alagamento por causa das enchentes, e por causa das enchentes teve gente que se mudou. Teve uma enchente em 2004, teve outra em 2011, daí quase ninguém queria mais tá ali naquela região e depois a gente se mudou e eu me distanciei. E desde que eu entrei na faculdade foi que eu me distanciei mais ainda, meus amigos hoje mesmo são todos da UFPE, ou que eu conheci pela UFPE.

Como era minha educação infantil?

Mainha sempre trabalhou e lutou muito pela minha educação, e teve uma vez que mainha teve um surto e queria me colocar em uma escola particular¹⁸, isso no prezinho, e era uma escola cara, e ela não tinha condição de me manter lá, e também quando eu entrei lá, mainha dizia que eu berrava muito, gritava chorava. Depois dali mainha me colocou numa escola pública, que lá a gente diz o seguinte

¹⁷ O que é o PGM? É o Programa Ganhe o Mundo, que leva você para fazer intercâmbio. Mas eu não fiz intercâmbio, porque precisava tirar nota boa em português e matemática, e eu nunca fui bom nessas matérias.

¹⁸ Não fiquei nem uma semana nessa escola particular.

“se o *****¹⁹ forma traficante, o ***** forma traficante mirim”. Eu estudei nessa primeira escola do meu jardim até o meu terceiro ano do fundamental, porque no terceiro ano eu pequei uma “briga” com a professora porque ela me chamou de mentiroso, eu sempre tive muita ansiedade desde de quando eu era pequeno e eu amava ficar olhando a hora num telefone que mainha me deu, aqueles de deslizar a tela para cima, e a professora vivia dizendo que eu ficava jogando no telefone, dai ela chamou o meu padrasto e ela na frente da turma disse que eu tava jogando, e eu disse que era mentira e que eu tava só olhando a hora, ai ela pareceu uma santa na frente do meu padrasto, foi ele virar as costa e levar meu telefone, ela começou a gritar comigo, faltou da em mim a desgraçada, ai ela queria que eu pedisse desculpa para ela e que era errado eu desmentir ela na frente dos mais velhos, e dai ela me mandou para a diretoria, e eu uma criança de 9 anos de idade, tava chorando mas dizendo que não ia pedir desculpa, nesse dia mainha foi chamada, e mainha sempre acreditou em mim, até porque eu nunca tive motivos para mentir para ela, então quando eu falei o que aconteceu mainha acreditou em mim, e disse que eu não ia estudar mais ali, dai mainha me colocou em uma escola particular de bairro, e mainha paga 50 reais a mensalidade, porque ela tinha falado com a diretora, e la eu fiquei até a minha quarta serie.

Da quarta série eu fui para a minha segunda escola, dessa vez pública, até porque o ensino fundamental depois do anos iniciais fica muito caro. Estudei nessa escola até a oitava série. Até a quarta série eu era uma criança que gostava de estudar, mas depois, quando eu entrei nessa escola, eu me juntei com meus coleguinhas e fiquei uma criança que gostava muito de conversar, e as notas foram caindo progressivamente até a oitava série, e mainha quando viu minhas notas disse que se eu não passasse de ano e fosse pro ensino médio ela dava em mim, daí estudei o suficiente para passar, e passei. Daí eu fui para a minha escola do ensino médio, lá as notas foram equilibrando, as disciplinas que eu gostava ia aumentando e as que eu não gostava tanto iam caindo, quase reprovei história e filosofia no ensino médio porque eu tinha medo do professor, por causa de ansiedade, daí ele quase me reprovou, mas eu no final consegui passar e agora eu to aqui.

Estrutura das escolas?

A primeira, era um quadrado, que num canto tinha um pátio aberto, do lado direito tinha várias salas e uma mini biblioteca, e do lado esquerdo tinha mais umas 3 salas, do lado tinha a área dos bebedouros, e do lado direito desses bebedouros tinha os banheiros, e do lado tinha a “cantina”, que era só a cozinha que tinha uma janela por onde eles entregavam a comida, e a gente fica comendo em pé.

A segunda escola era basicamente embaixo da casa da diretora, que também era a dona, era um primeiro andar e a escola era embaixo.

A terceira escola era meio num formato de um H, que tinha salas ao lado e uma quadra na porção de baixo do H.

¹⁹ Nome de Escola

Quais eram as disciplinas que eu tinha mais dificuldade?

Era sempre português, matemática, tinha um pouquinho em ciências, mas era melhorzinho, mas história, geografia... era tudo ruim também

Minha relação com os professores e colegas:

Com exceção da com a qual eu briguei, era muito tranquila, muito legal. Com os colegas foi tranquila, eu era uma criança que gostava de falar, então foi fácil fazer amiguinhos. Na outra escola a relação era bem tranquila, gostava muito das professoras e as professoras gostavam de mim, como eu gostava muito de falar eu sempre acabava chamando atenção das professoras de uma forma ou de outra.

Minha adolescência:

Eu fui uma criança/adolescente muito arteiro, mas escondida de mainha. Eu me juntei com uma galera, e tinha uma praça do lado da terceira escola, que era a praça da goiaba, e a gente pegava cigarro e ia lá para a praça fumar. Foi uma adolescência/infância legal, mas quando eu fui para o ensino médio, lá com meus 15 anos de idade, e minha infância foi muito escola, minha adolescência meio que não aconteceu, tipo de sair por aí, eu também nunca fui uma pessoa que gosta de sair, então foi mais calma, mais tranquila, mais reservada, quase não aconteceu, então minha adolescência foi muito dentro da escola, e o que eu fazia dentro da escola era mais conversar com os meus amigos.

Meu ensino médio:

O pior é que eu nem sei muito, acho que o que eu mais fiz no meu ensino médio foi conversar, seja na sala de aula ou nos meus intervalos, a melhor coisa que eu fiz foi conversar. Eu nunca fui uma pessoa de muitos amigos, então eu peguei dois ali para mim e fiz o meu grupinho. O nome deles é Paula e Adilson. Hoje Adilson estuda arquitetura na UFPE e Paula é Designer de thumbnails e essas coisas que o povo de jogo gosta. A gente sempre passou o horário do almoço, 10 minutos almoçando e o resto do horário conversando, conversando besteira, conversa vai, conversa vem, conversando sobre Nicki Minaj, sobre Beyoncé, minha adolescência foi isso, conversa sobre rainhas do pop.

Sobre as minhas notas, acho que matemática e português foi melhorando, mas química e física, que foram introduzidas no ensino médio é outra história, química eu nunca gostei e nunca tive um professor bom de física²⁰. Meu primeiro

²⁰ com exceção do meu professor de física do 3º ano

ano do ensino médio foi com um professor péssimo, e a segunda pior ainda, só o terceiro que foi muito bom e química nunca gostei, então foi com deus. Geografia foi melhorando, história foi melhorando, porque eu fui me aproximando mais com os professores, e fui percebendo que era legal, mas eu nunca fui um aluno ruim, mas eu nunca fui um aluno nota 10, mas acho que porque nunca dediquei tempo o suficiente, e eu nunca consegui dedicar tempo, eu só conseguia estudar na escola, quando eu saía e chegava em casa minha cabeça era outra.

Como foi o vestibular:

Eu senti uma leve pressão, principalmente no primeiro... na verdade quando eu entrei no ensino médio, eu entrei sem saber nada em relação a vestibular, eu escutava muito os meus colegas falando sobre fazer a primeira, segunda, terceira... parte do SSA²¹. No segundo ano era eles falando sobre fazer uma versão de teste no ENEM, aí eu ficava “versão de teste do ENEM? eu não, vou perder meu tempo fazendo versão de teste, estudar para caralho para não poder terminar o ensino médio”, porque eu tinha visto que desde de 2015 não podia mais terminar o ensino médio fazendo o ENEM. Ai eu continuei sem pensar muito no vestibular. No terceiro ano eu pensei em estudar para o ENEM, não sei se foi muito bom da minha parte, mas eu fui ver qual era a nota de corte do curso de biologia, e vi que não era 900, não era 800, então eu me dediquei apenas para passar no curso de biologia, porque eu já sabia que queria fazer biologia. Logo, não me dediquei muito no meu último ano do ensino médio para passar com a maior nota possível, durante minha vida toda do ensino médio eu sempre estudei só para passar, e foi o que eu fiz. Eu sempre tive dificuldade de estudar as coisas que eu não gosto, então eu me dediquei para estudar para a prova de biologia, matemática, humanidades foi tudo na base do ódio e de vídeo aula.

Sobre pre-vestibular, eu fui um dia para o SUPERAÇÃO, mas não tinha como eu ir mais, e fui para um madrugada de um cursinho prevestibular que eles passaram lá na escola e o ingresso era 20 reais, mas não serviu de porra nenhuma, só foi mais um rolê de ensino médio do que qualquer outra coisa.

Material de estudo era tudo vídeo aula no youtube e o conteúdo da escola. E minha rotina de estudo era as aulas da escola, e depois dedicava uma hora, ou duas no máximo estudando.

Sobre acesso a internet:

Quando eu era menor, minha parcelou em umas 10/12 vezes um notebook para mim. Um notebook da LG para mim estudar, que eu não estudei muito, mas eu estudava, mas a maioria das vezes eu via pelo telefone. E o que eu fazia, até mais ou menos 2012 a gente não tinha wifi, a gente pegava wifi da vizinha, porque todo mundo sabia a senha dela. Antes de ter internet ou computador eu ia para a casa da

²¹ Vestibular da UPE

amiga de mainha, que era cunhada do primeiro marido dela, ela tinha tudo, computador, internet, e a casa dela era basicamente na mesma rua. Depois que a mainha começou a se estabilizar financeiramente ela mandou colocar internet lá em casa, de 2 megabytes, mas durante todos os anos que a gente ficou naquela casa a gente usou essa internet ou a da vizinha. Depois a gente trocou de internet.

Sobre meus celulares:

O primeiro celular que eu ganhei foi um Nokia²² tijolão, que eu usava para jogar o jogo da cobrinha e tals. Depois mainha foi na loja da vivo e comprou um da samsung que arrasta para cima, que não tinha acesso a internet. Depois mainha comprou um da LG, depois um da samsung²³, e depois um da LG de novo, esse era o meu preferido, tinha tela curvada, era android, tinha os botões de volume atrás. Depois desse, mainha vendeu ele se não me engano, e ela comprou o Moto g4 plus, e já foi no ensino médio. Depois que esse quebrou, a gente comprou um da China, Oukitel C12, depois de um tempo, quando o da Oukitel quebrou, a gente importou da china de novo, um Xiaomi, telefone lindo, e eu fiquei usando ele até esse ano, quando ele quebrou e agora to com esse atual da motorola, que eu também importei.

Eu sempre quis ser professor?

Eu vim descobrir o maravilhoso mundo da biologia a partir do meu segundo ano do ensino médio. Antes disso eu não tinha um objetivo. Nesse segundo e terceiro ano, encontrei uma professora chamada Elis, que inclusive foi aluno de Ernani no Prof.Bio. Toda vez que eu ia para a sala de aula, ela escrevia o quadro todinho com um monte de palavras, com bichos que ela desenhava e etc. Todas as vezes que ela preenchia o quadro ea dizia “olha que coisa linda, que coisa mais maravilhosa”, e foi a partir desse encantamento dela e do quão feliz ela era dando aula de biologia que eu vi que queria aquilo para mim também e foi ali que eu vi que eu queria biologia e ta no ensino, na educação também né, que foi a partir de mainha e da educação que eu cheguei onde eu cheguei, foi por mainha valorizar a educação, mesmo ela não tendo tido a oportunidade de estudar, foi ela perceber a importância da educação, perceber que a educação era o caminho para mim e para ela. E foi ali que eu percebi que eu queria fazer uma graduação e que eu tinha que fazer uma que eu gosto, porque eu sei que fazendo o que eu gosto eu ia fazer bem feito, foi vendo Elis sendo feliz que eu pensei que ia ser feliz também e entrei no curso.

Como foi passar no vestibular:

²² O da tatuagem

²³ A maioria desses telefones foram comprados depois que mainha conseguiu uma estabilidade financeira com o emprego fixo. Os outros, anteriores a esse emprego, foram comprados a partir de parcelamento em cartão e pago com faxina que ela fazia.

Foi uma conquista, mas eu acho que quem ficou mais feliz foi mainha do que qualquer outra pessoa. Mainha trabalha em um ambiente onde as pessoas menosprezam qualquer profissão que não esteja no direito, mas tem uma pessoa lá em específico, o nome dela é “*****”, que ele fez direito pela UFPE e era uma das poucas pessoas ali que sabiam a importância da educação, e quando eu passei, já fui mandando para mainha falando que eu passei, ai pronto, na promotoria Mainha falou para todo mundo, foi falando para todos os cantos, acho que a pessoa dava bom dia para mainha e mainha falava “meu filho passou no sisu”.

Foi muito legal, foi muito gratificante, foi muito bom para mim, porque eu não tinha outros planos a não ser o curso de biologia, porque sou o tipo de pessoa que gosto de pôr todas as minhas cartas em um lugar só. E deu certo, mainha ficou muito feliz por mim, mainha ficou assim gritando e saltitando, e essa “*****” foi a única pessoa que junto com mainha ficou feliz por mim de verdade, porque ela conhecia a gente, e ele foi inclusive a primeira pessoa que me deu um livro e eu comecei a ler e tomar gosto por leitura por conta dela, e hoje eu tenho um monte de livro em casa, mas hoje em dia eu não tenho mais tempo para ler e perdi o costume, ai ta la parado, mas foi ela a primeira pessoa que me deu um livro.

Como foi meu primeiro período na faculdade?

Apesar de eu não parecer ser uma pessoa tímida, eu sou uma pessoa muito tímida, então quando eu entrei aqui eu fiquei muito quieto no meu canto, porque eu peguei uma van com pessoas que já se conheciam, minha van é dominada pelo ETE²⁴. Então tipo assim, Bruna, Thiago e Guilherme, amigos de infância, principalmente Thiago e Guilherme, e daí tem Bia, que foi a primeira pessoa que falou comigo e os outros eram problemas mais velhos etc., já estavam há um tempo e eu não tinha conexão nenhuma. Mas acho que vir para cá foi muito interessante, para mim, para minha ansiedade, para minha timidez, porque eu falava, mas falava pouco e quando eu falava era só com aquele grupo de pessoas que tava ali no meu redor, mas ali depois eu fui pegando o embalo, e hoje eu falo com todo mundo sem ter muitas ansiedades, mas ali no início foi interessante.

Qual era o sentimento ali no início, nas primeiras aulas...

Eu me senti muito burro quando fui cursar História e Filosofia da Ciência, porque eu não conhecia, Fundamentos da Educação, quando Ernani começava dos filósofos X e Y, que eu não conhecia, e eu via uma galera comentando sobre os filósofos e o que eles dizia e eu ficava só observando. Eu não tinha leitura nenhuma sobre os assuntos das humanidades, daí as únicas cadeiras que eu ficava mais seguro era tipo Fundamentos da Biologia, porque eu sabia que eu sabia sobre Biologia, mas o resto eu fui descobrindo no meio do caminho.

²⁴ Escola Técnica de Estadual

Como está sendo a minha formação?

Ela foi e está sendo levemente conturbada, por conta que até o terceiro período foi presencial, mas aí chegou a pandemia no início do terceiro período e eu só voltei para faculdade depois do começo do sexto período. Então eu perdi 1 ano e meio, na verdade eu acho que foi uns dois anos e meio, porque teve o período que a gente não teve aula e nesse meio do caminho eu estava ali na transmissão de começar a trabalhar com Ernani, e foi ali que eu comecei a perceber que eu teria que correr atrás de algumas coisas se eu tivesse algo a mais do que a graduação. E aí eu só consegui ter essa noção e essa maturidade quando eu cheguei no 6º, até porque em casa com os conflitos e por causa do TDAH, eu não consigo estudar em nenhum lugar que não seja o lugar que está delimitado para eu estudar, que é aqui.

Durante os períodos de ensino remoto eu não conseguia fazer nada ou produzir. A única coisa que eu consegui foi assistir simpósios, meu lattes tá cheio de simpósios fruto do período remoto, turma da pandemia. Quando voltei para o presencial, já voltei pensando no que eu tinha que fazer, foi uma correria e tá sendo uma leve correria, porque eu não consegui participar dos simpósios, congressos e etc., só consegui participar de um, que foi ano passado, que foi com paleonto, mas agora eu to correndo atrás, porque eu tava correndo atrás de fazer parte do grupo de pesquisa, e foi lá que eu comecei a ter uma leitura maior e aprender um pouco mais e fui tentando estudar para essas outras coisas, outros objetivos, mas em relação a produção que foi um pouco conturbado.

Agora, eu fiquei um pouco triste, porque como eu to fazendo a seleção de mestrado em educação, a análise do currículo que eles pedem é só em Outubro, daí eu pensei que ia dar tempo de melhorar meu currículo e de colocar duas apresentações, daí me inscrevi e submeti dois resumos para apresentação, mas daí quando eu fui fazer a inscrição, eles pediram o currículo e os comprovantes, daí essas apresentações ficaram para outro momento. Agora eu estou tentando fazer um monte de coisa, grupo de pesquisa, seleção de mestrado, produção do material do simpósio e monitoria também acontecendo.

Quem é Ernani?

Ernani é a principal cabeça na minha graduação, ele foi o professor que mais me deu orientações e caminhos para eu seguir. Ele abriu portas para alguns pensamentos e objetivos a mais dos que eu tinha, e me mostrou os caminhos que eu deveria seguir para que meus objetivos acontecessem. Ernani é professor de Fundamentos da Educação, e foi ali que eu conheci ele, e depois eu já fui atrás dele para trabalhar com os temas que eu queria, e ele trabalhava com educação inclusiva, que já era um tema que eu tinha um certo interesse, porque eu tive uma leve briga com a diretora da minha escola do ensino médio sobre direitos LGBT, e dali eu sabia que queria trabalhar com direitos LGBT ou educação LGBT e coisa do

tipo, e Ernani estendeu a mão para mim e me mostrou que tinha caminhos que eu podia seguir e que eu poderia trabalhar algo similar, foi ele que me deu leituras, foi ele que me apresentou Pierre Bourdieu, que apesar de eu não gostar dele, eu vejo que faz muito sentido as coisas dele e quando acontece alguma coisa eu fico “Né que Bourdieu tava certo?”. Foi ele que me guiou e se tudo der certo ele vai continuar me guiando.

O que mais me agrada no curso?

Acho que as possibilidades, acho que possibilidade é a palavra que mais me agrada nesse curso, porque o curso é um grande geralzão sobre a biologia, que é essa grande área que eu tive interesse, mas que não fiquei limitado à. Mas foi o curso e a UFPE que me apresentaram Ernani, me apresentaram a professora Zélia, que me apresentou todas as cadeiras de educação que me agregaram muito de alguma forma, principalmente a nível de leitura, porque nessas cadeira de educação sempre tem alguma coisa para ler. Eu gosto de apertar essa tecla da possibilidade porque quando eu olho pro meu grupo eu vejo isso, por exemplo, sou eu na Educação, é Thiago na Paleontologia, é Beatriz na Ornitologia, Bruna trabalhando com Povos Indígenas, é Guilherme Trabalhando com Planta, é Geisi trabalhando com Anatomia e Vitória com Fauna Urbana, e a gente vem do mesmo curso, mesmo período, mesmas aulas, mesmos professores e a gente tá tudo seguindo caminhos diferentes e eu acredito que foi isso que mais me encantou no curso de biologia.

Das disciplinas que eu cursei, quais eu mais gostei?

Eu não sei se tem uma que eu mais gostei, mas das que eu to cursando agora, a que eu mais gosto é FAC e Educação das Relações Étnicas Raciais. Sobre ERER²⁵, eu sempre tive cercado por pessoas que eram minorias, a discussão sempre acabou chegando, só que não de uma forma tão acadêmica e rebuscada. Então conhecer essa discussão, que eu tive acesso, mas de uma forma mais coloquial, de uma forma mais acadêmica, ver que tinha pessoas fazendo essas discussões com meus amigos em outros lugares, tá sendo muito enriquecedor.

Sobre Fac, FAC é o que puxa ali para o meu ladinho biólogo, vendo a professora falar e fazendo as conexões todas, que durante o curso a gente acha que é tudo picotado, tá sendo algo incrível. Paleonto também é outra disciplina que chamou bastante minha atenção, porque são bichos que viraram pedra.

Quais as disciplinas que eu menos gostei?

Com certeza Bioquímica, porque tenho horror a química, e Histologia Geral, porque a avaliação coloca a gente no lixo.

²⁵ Sigla para Educação das Relações Étnico Raciais.

Quais foram os maiores desafios?

Acho que ler foi o meu maior desafio, porque dependendo do período, tive disciplinas que demandam muita leitura, e eu nunca tive muito o hábito de leitura de forma tão presente e por conta do TDAH a leitura nunca foi fluida. Quando eu to lá, lendo um parágrafo, aí eu desfoco e vou fazer algo diferente, escuto um barulho do lado de fora e não consigo lembrar mais o que eu tava lendo. Por isso ler foi um dos maiores desafios, porque eu não consigo captar essas informações. Por conta do TDAH eu tenho uma memória de curto prazo muito ruim, tipo, eu vou, leio, e essa leitura que era 20 minutos viram horas, e essas horas não se transforma em um material que eu consigo me lembrar, então eu sempre tive que ler várias vezes a mesma coisa para que eu consiga compreender. Daí, algumas coisas eu realmente não conseguia nem ler, tipo as informações de Bioquímica, porque era umas palavras aleatórias no meio do caminho e eu me perdia.

Qual a estratégia para enfrentar esse desafio da leitura?

Ler 25 vezes a mesma coisa e ler e marcar as coisas. Acho que outra também é tentar repassar o que eu li para os meus colegas, principalmente Thiago, toda vez que eu tava lendo alguma eu tentava ensinar a ele o que eu li, daí se tornava mais fixo na minha cabeça. Outra coisa também é pensar em algumas palavras chaves para tentar puxar essa memória que tinha se perdido. Meu maior desafio é tirar as informações do nada, mas ter essas palavras chaves me ajudava a resgatar as informações que eu já tinha absorvido, mas que eu não estava tendo acesso, eu meio que fazia essas pontes.

Quais outras atividades extras eu faço?

Atualmente eu to apenas no laboratório de paleontologia, e sou monitor da disciplina de paleontologia também, quando to no laboratório eu gosto de preparar fóssil, que essa atividade mas laboral, tediosa para uns, mas que ajuda o meu cérebro descansar. Faço parte do Grupo de Pesquisa AFFECTIO do professor Ernani e algumas eletivas.

No grupo de pesquisa eu estou dentro da pesquisa de sexualidade da pessoa com deficiências, e a sexualidade sempre foi um tema que eu gostei de trabalhar, então quando o professor me chamou eu fiquei muito feliz. Atualmente como eu to no último período e fazendo seleção de mestrado, eu não tô todo dia fazendo alguma coisa, eu to mais tirando alguma dúvida sobre sexualidade e LBGT. Semana passada quando estávamos reorganizando o questionário do forms eu tava lá mais para dar pitaco, então eu acho que estou mais dando pitaco.

Durante o meu curso tudo eu acho que a atividade extra que eu mais fiz foi eletivas, que todo período eu tinha no mínimo duas, eu morria de medo de chegar no final do curso e não ter carga horária. E eu acho que a eletiva que mais me

chamou atenção foi Etologia e Entomologia, uma foi porque eu sempre gostei de insetos (Entomologia) e a outra foi mais para descobrir uma coisa nova (Etologia), que era sobre comportamento animal, e eu tive aula com um professor que é referência em comportamento animal e eu tive a oportunidade de observar girafas dos estados unidos pelo computador.

Como é minha relação com os professores?

Eu acho que são boas, sempre tive uma facilidade de criar minimamente uma intimidade com os professores, a maioria dos professores com quem eu tive aula eu sempre conversei, e nunca tive nenhum conflito.

O que a UFPE representa para mim?

Acho que ela representa para mim essa possibilidade, acho que ela foi o caminho que me mostrou mais caminhos a seguir, para usar exemplo que a professora Zélia usou em gestão, a UFPE me mostrou que a minha escadinha ainda tinha mais degraus para subir, e acho que me mostrou isso, que tem vários caminhos a seguir, mesmo que sejam um pouco difíceis, mas que dá para conseguir, a ufpe me mostrou possibilidades.

O quanto importante a Educação é para mim?

Eu acho que a educação foi o que me possibilitou viver, porque hoje em dia eu vejo a minha mãe, que não teve educação, ela não vive, ela permanece nesse ciclo que é acordar cedo e ir trabalhar, voltar para casa e trabalhar, dormir e ir trabalhar de novo, e trabalhar e trabalhar. Hoje ela não tem nenhum momento de lazer, porque no tempo de descanso que ela tem ela tá trabalhando, e eu acho que se eu tivesse permanecido sem educação eu estaria nesse mesmo ciclo. A educação foi esse grande portal que me mostrou que tem muita outras coisas para se fazer, que tem muitos outros discursos que eu preciso acessar, que eu preciso conhecer, a educação foi o que me possibilitou viajar e conhecer outros lugares, me possibilitou conhecer outras coisas, me possibilitou encontrar um velho francês que tem uma teoria bastante interessante, então acho que a educação foi essa grande salvadora para mim.

Quais são meus marcadores sociais de distinção?

Então, acho que o principal é a feminilidade, por ser extremamente feminino, acho que foi o principal marcador. No fundamental era chamado de viadinho gayzinho, no ensino médio deu uma diminuída. Teve um momento que eu tava visitando a minha amiga, eu tava sentado assistindo com ela, e o padrasto dela passou ele tropeçou no meu pé, e a primeira coisa que ele fez foi me chamar de

viado, foi ser homofóbico, sendo que eu tava parado fazendo nada. O namorado da minha mãe também sempre vem com os discursos homofóbicos para cima de mim. Até nos momentos de lazer. Eu e minha amiga Paula, a gente ama jogar jogos de tiro, principalmente o PUBG, e toda vez que eu falava no jogo com ela, os outros integrantes do grupo, que são aleatórios, sempre vinham com falas homofóbicas, transfóbicas, eram coisas bem perturbadoras inclusive. Acho que essa feminilidade e não ser hetero, ser lgbt, sempre foi o que mais me afetou e prejudicou de certa forma.

Outro marcador seria o fato de eu ser um homem gordo, que às vezes chamam atenção, mas a feminilidade sempre foi a mais atacada.

Como ter esses marcadores me afetou ou trouxe uma desvantagens?

Sempre que eu to em algum lugar eu fico mais calado, para evitar situações desconfortáveis. Teve uma vez, quando eu era menor que, que uma pessoa ligou para mim para me xingar por conta da minha voz, e foi a partir dessa situação que eu comecei a não atender número de pessoas que eu não conheço ou não tem o nome, e ficar mais calado, é uma das coisas que mais me prejudica, porque as vezes eu tenho alguma coisa para falar ou algo que seria bom falar, mas se não é uma zona que as pessoas não me conhece, eu tendo a não falar para evitar esse tipo de situação.

A forma que eu me porto nos lugares mudou, é como se eu tivesse múltiplas formas de me comportar, quando eu to viajando pros lugares, onde eu gostaria de ta conversando de boa e etc, eu prefiro evitar, porque eu não sei como as pessoas nesse lugar vão se comportar perante toda a feminilidade. Prejudica mais o meu pessoal do que a minha vida acadêmica, apesar de atualmente as duas coisas serem apenas uma só.

Como minha mãe se comporta em relação a eu ser LGBT?

Mainha parte desse lugar do medo, ela não parte do preconceito, de não me aceitar, como sempre foi eu e ela, eu acho que ela não teve mais para onde correr. Ela me aceitar enquanto LGBT foi algo que eu já esperava, não esperava que ela viesse algo negativo. Ela realmente vem mais desse lugar do medo, uma das coisas que ela fazia muito para eu não parecer tão gay, quando eu era pequeno, é cortar o meu cabelo, toda semana basicamente ela me colocava para cortar o cabelo. Hoje em dia eu me revoltei e deixei crescer.

Como eu percebi LGBT?

Desde de sempre eu fui uma criança viada, desde que eu consegui andar eu ia pro beco da minha rua para dançar funk. Eu nunca me percebi gay, ali pelo menos, não tive isso coisa de gay é coisa de hetero em quando eu tava ali naquele

lugar, mas quando eu cheguei no fundamental 2, que já tinha um grupo maior de pessoas, eu comecei a perceber, mas eu achei durante muito tempo desse final de infância e adolescência como negativo. Eu sempre fui muito espalhafatoso, e durante o ensino médio foi bem tranquilo, ali na minha adolescência eu não falava, mas eu acho que percebia, era como se eu já soubesse. Depois que eu percebi foi algo mais tranquilo.

Eu só vim me assumir para a minha mãe com 17 anos, mas antes eu já tinha uma certeza que eu não era igual as outras crianças desde o do fundamental 2, mas não era algo que eu deixava claro, mas era algo que eu tava mais ou menos confortável, eu não saí muito, não era a criança que ia fazer balé ou coisa do tipo, então não era tão forte.

Atualmente eu me identifico enquanto Pansexual, mas digo que eu sou gay mesmo, porque é mais fácil, as vezes eu não to com a paciência pedagógica de explicar, então eu vou no mais fácil. Mas eu não ligo muito para isso não.

Relacionamentos?

Nunca tive um relacionamento amoroso, só carnal mesmo. Nunca fui uma pessoa que me senti seguro de levar alguém para casa e também nunca senti a necessidade. Desde de muito pequeno eu sempre tive uma noção de independência e maturidade, que acredito ser devido ao contexto que eu vivi. Já mainha foi o contrário. Mainha sempre foi e ainda é bastante imatura. Eu sempre tive que pensar nas consequências dos atos dela e do meu. Eu também nunca tive paciência para lidar com as emoções dos outros, porque eu tinha as minhas emoções e as emoções de mainha para lidar. Acho que hoje em dia eu sou muito confortável em tá sozinho do que a necessidade de estar com alguém, não me vejo com essa necessidade ou planos de tal com alguém.

Sou uma pessoa ativa dentro da luta LGBT?

Acho que eu sou muito mais passivo nessa luta. Eu valorizo mais a minha vida do que a dos outros, eu prefiro ter a minha garantia. Mas no contexto lá da briga com a diretora em relação a defender os direito lgbt, como eu sabia que eu não correria nenhum risco de morte, eu reagi e discutir com a diretora, chamei a promotoria, direitos humanos, porque ela foi extremamente transfóbica, humilhou ele e fez ele chorar, como eu sabia que eu não teria nenhuma consequência negativa, eu só fui. Acho que hoje em dia eu prefiro tá educando as pessoas em relação a isso do que está na rua.

Como foi as violências em relação à homofobia?

Assim, acho que foi muito verbal no fundamental, já no ensino médio foi bem tranquila, menos para o menino trans, mas a escola sempre foi muito tranquila,

nunca tive medo. E em relação à graduação eu nunca tive medo, porque eu já estava muito seguro, a UFPE foi muito tranquila em relação a isso.

Violências Físicas?

Em relação a ser LGBT, eu nunca sofri, só verbais, mas num geral foi violência doméstica, contra a minha mãe, quando eu era criança eu tentava reagir, mas eu era criança. Agora quando adulto, eu sou muito mais verbal, inclusive fui ameaçado de morte por conta disso. Teve uma vez que o namorado de mainha chegou bêbado, mainha tentou ajudar ele e ele deu um tapa nela, daí mainha pronto, foi para cima dele, daí eu fui, mandei mainha parar, e aí eu queria bater nele, mas eu sou uma pessoa que eu sabia que seu batesse nele eu não iria parar, porque eu sou uma pessoa que guardo rancor, todas as minhas raivas, e no dia que eu precisar eu vou usar, daí eu bati boca, gritei com ele, disse que se ele fizesse isso de novo eu cortava a mão dele fora e jogava ele de escada a baixo e da varanda. Daí ele ligou para a família dele dizendo que eu estava ameaçando ele de morte, e eu odeio ele por conta disso, porque ele faz as coisas, e fingi que não aconteceu, que ele é inocente.

Sobre meu TDAH e TAG:

Eu tenho tanto o TDAH e o TAG diagnosticado, fui para psicóloga e psiquiatra, mas fui diagnosticado já tarde, eu já tinha suspeita, mas fui muito tarde, falei para psicóloga, ela me deu o prognóstico, ela me deu um diagnóstico de TDAH moderado ou severo, Transtorno da Ansiedade Generalizada severa e Depressão leve. Já passei dois anos me medicando, mas o TDAH, agora depois de adulto o remédio não tinha mais efeito, agora é só com terapia, daí já faz um tempo que eu to tentando, mas não tá dando tão certo. A minha ansiedade, não sei se é por causa do momento atual, mas a ansiedade tá bem tranquila, tem os momentos pontuais, mas daí bem tranquilo. Como eu não estava querendo mais me entupir de remédio e os remédios eram muito caros, eu parei com eles, e os medicamentos não tem pelo SUS, e todo meu dinheiro de auxílio ia basicamente tudo para os remédios, daí eu tomei a decisão de parar e avisei a psicóloga. O TDAH está sendo o meu maior desafio, porque teve um dia que eu passei 10 horas para transcrever o que eu tinha escrito em uma página de caderno para o computador.

Atualmente eu acredito que as pessoas estão lidando com meus transtornos com conveniência, quando é positivo para elas eu ter, elas afirmam e entendem, mas quando não é positivo, diz que é frescura. É muito comum eu ficar muito irritado por eu esquecer alguma coisa por causa do TDAH, daí quando eu to irritado eu acabo agindo de forma irritada, mas não para a pessoa, eu falo que não estou irritado com a pessoa e é com a situação, daí às vezes levam para o pessoal. Com mainha, por exemplo, para ela existe e não existe, ela fica se questionando o que é e porque eu tenho, mas daí eu falo o que é, mas digo que não sei o porque eu

tenho, até porque eu não sei.

O TDAH e o TAG podem se apresentar como um desafio na faculdade, como eu lido com isso?

Eu simplesmente passo com tudo por cima, essa tem sido minha estratégia desde do ensino médio me colocar nessas zonas de desconforto, daí eu tento ignorar e passar por cima, e tá dando certo.

Já fui beneficiado com alguma política pública ou já fui?

Durante toda minha infância a gente recebia bolsa família, foi com ela que ajudou a gente não morrer de fome e que ajudou minha mãe a pagar a escola particular de bairro que eu estudei no fundamental. Atualmente as políticas públicas que eu mais usufruo são o Sisu e o auxílio permanência da UFPE.

Quais são minhas expectativas pós graduação?

Todas as minhas cartas estão nessa seleção de mestrado em educação, mas tenho outra possibilidade, que é só se o de educação não der certo, porque eu to indo por ordem de chegada, e como a educação chegou primeiro é nela que eu to indo. Se não der certo eu vou tentar a paleontologia, mas não como segunda opção, porque parece ser ruim, mas é um outro caminho que a minha vida pode seguir, e eu não iria só se desse errado, se eu conseguisse e pudesse eu faria os dois, mas daí não dá tempo.

Qual é meu objetivo de vida?

É uma casa com piscina no quinto dos infernos, eu quero morar num lugar distante, quero ser professor concursado da UFPE ou de algum instituto federal, dar a minha aula e depois voltar para o meio do mato e me isolar.

Tem alguma coisa que eu gostaria de acrescentar?

Acho que contemplei tudo que eu queria.